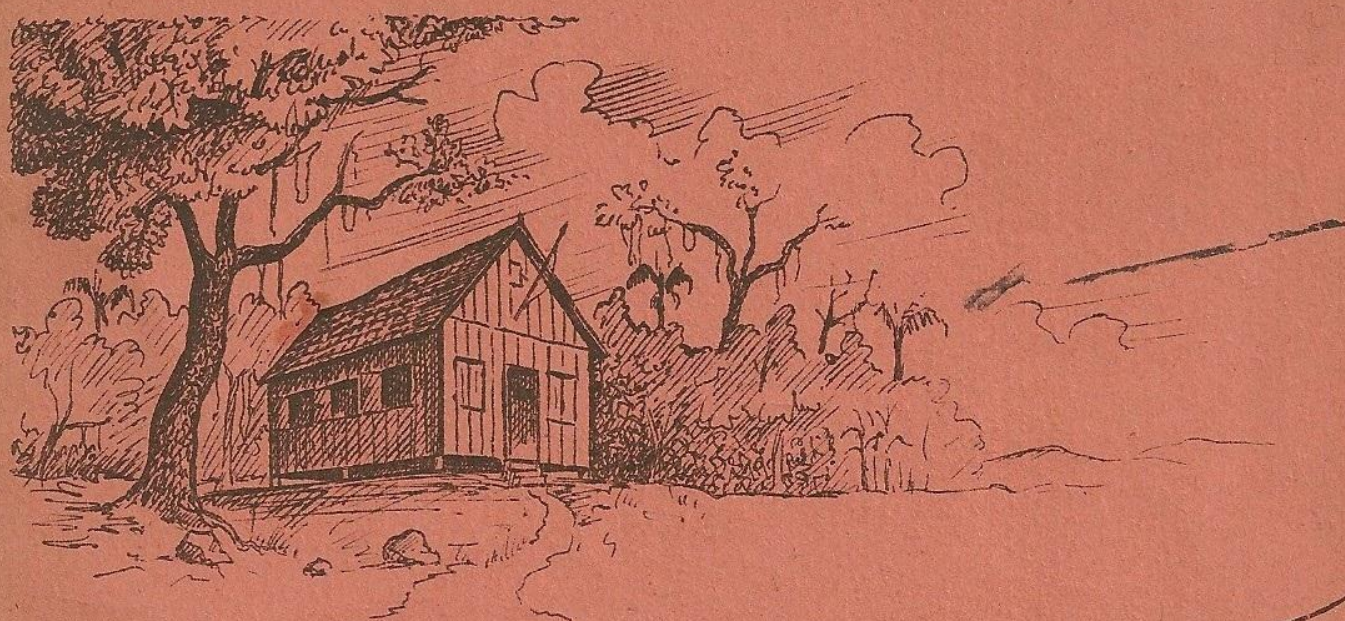


# GINÁSIO EVANGÉLICO AUGUSTO PESTANA



DA  
ESCOLA DA ROÇA

1899

1952

**AO GINÁSIO MODERNO**



IJUÍ - R. G. do Sul



Breve histórico  
do  
Ginásio Evangélico  
Augusto Pestana



IJUÍ  
— RIO GRANDE DO SUL —

no dia da inauguração do novo prédio em  
9 de novembro de 1952.





Engenheiro AUGUSTO PESTANA

Diretor da Colônia de Ijuí de 1899 a 1912

Patrono do Estabelecimento





## UM POUCO DE HISTÓRIA

1890

A data de 19 de outubro de 1890 marca o início da colonização de Ijuí. Um montão de telhas de zinco em uma clareira aberta na mata virgem indicava aos imigrantes, naquela ensolarada manhã de domingo, que haviam atingido o local de sua nova querência. Querência sim, porque aprenderiam a querer bem este torrão, que seria o berço de seus filhos. Com o cantar do machado a derrubar a mata virgem, abrindo estradas e preparando a roçada, iria ter início a sinfonia de trabalho que num crescendo contínuo haveria de marcar o ritmo de progresso da novel colônia, em que já se antevia a sua futura grandeza.

1893

Três anos após, a mata virgem ainda cobria a área que hoje é ocupada pela cidade. Apenas duas ruas estavam abertas: a atual 13 de Maio, por onde passava o trânsito entre Cruz Alta e Santo Ângelo, e como tal era a rua principal, e a do Comércio. Assinalava uma espécie de picada, a atual 7 de Setembro. 22 famílias estavam, então, radicadas na sede da colônia, principalmente em redor da praça.

1894

### A PRIMEIRA ESCOLA

Apesar das dificuldades próprias desta luta contra a natureza bravia, e da precariedade dos recursos, verificou-se nesse ano a fundação da primeira escola em Ijuí. Era uma escola pública, acomodada em modesto rancho, dirigida por abnegado professor a difundir as luzes do saber aos meninos da nova colônia. Era situada à praça e consti-

tuiu a sementeira da qual surgiu o modelar estabelecimento que hoje é o Grupo Escolar Ruy Barbosa. Foi professor dos meninos o sr. Roberto Roeber, que em 1893 havia chegado à colônia, lecionando a princípio em caráter particular, sendo nomeado, no ano seguinte, 1895, professor público. As meninas tinham como professora d.<sup>a</sup> Belmira Gonçalves Terra, normalista formada, pertencente a tradicional família da região.

1895

### FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE DE EVANGÉLICA

O novo ano assinalaria a 19 de janeiro de 1895, a fundação da Comunidade Evangélica, que é a entidade mantenedora do atual Ginásio.

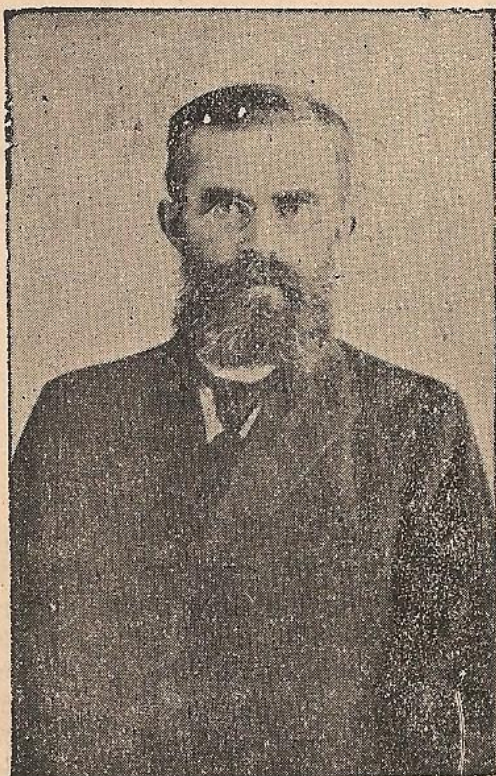
1899

### FUNDA-SE UMA ESCOLA PARTICULAR

Pouco mais tarde, em 1899, a escola pública não comportava mais o número de alunos, principalmente depois que, com a vinda do novo diretor da colônia, o engenheiro Augusto Pestana, começara o estabelecimento de agricultores, procedentes das colônias antigas, e que, mais práticos do trabalho agrícola, deram o impulso definitiva ao desenvolvimento da novel colonização. Entre estes se achava também o sr. Albino Brendler, que ficou intimamente ligado ao desenvolvimento da escola, precursora do Ginásio Evangélico Augusto Pestana, podendo ser considerado seu fundador.

Diante da dificuldade em acomodar todos os alunos na escola existente, o sr. Albino Brendler, e mais os cidadãos Carlos Hintz,





Pastor GERMANO ROSENFELD,  
primeiro pároco da Comunidade Evangélica  
de Ijuí de 1903 a 1912 — organizou a  
escola paroquial em 1903

Júlio Otto Geiss, Albino Finster e Luiz Keller, resolveram fundar uma nova escola. O sr. Luiz Keller pôs à disposição um casebre que possuía na baixada da atual Avenida Coronel Dico. Albino Brendler fabricou, gratuitamente, os bancos e carteiras, e ainda separou por uma parede um quarto destinado ao professor. Este surgiu na pessoa de Max Traunig, um jovem recém vindo da Alemanha. A escola começou a funcionar com doze alunos. A mensalidade seria de Cr\$ 1,50 por aluno, cabendo ao professor Cr\$ 0,40 de cada, além da pensão que lhe era fornecida pelos cinco fundadores, que o hospedavam alternadamente uma semana cada um. O número de alunos começou a crescer, o que obrigou a compra de mais carteiras e bancos. Os colonos, profissionais e comerciantes, que ainda estavam lutando duramente para vencer, não se esquivaram a este sacrifício em prol de sua escola, contribuindo com os meios necessários. Infelizmente, porém, o professor Max Traunig, que conquistara gerais simpatias, deixou a escola depois de lhe servir durante dois anos, motivando a suspensão de seu funcionamento.

1903

## A ESCOLA PAROQUIAL

Esta interrupção durou até a vinda, em 1903, do pastor Hermann Rosenfeld, primeiro pároco da Comunidade Evangélica. Ao lado de suas funções religiosas, cuidou também do ensino, com a criação da escola paroquial que passou a funcionar na casa canônica, onde também se realizavam os cultos.

1908

Quando o pastor Rosenfeld entrou em licença (1908) para uma viagem à sua terra natal, solicitou ao sr. Henrique Siedenberg a substituí-lo em suas funções, não somente na escola como também para atender a comunidade. Era em meados de 1908. O número de alunos baixara para onze. Seu ordenado seria a renda das contribuições dos alunos. As mensalidades continuavam sendo de Cr\$ 1,50 por uma criança, Cr\$ 2,50 por duas e Cr\$ 3,00 por três crianças. Graças à sua dedicação, a escola recuperou seu número de alunos e, quando do regresso do pastor Rosenfeld, já havia atingido a 70, subindo mais tarde até a casa dos 90. O ensino que, a princípio, era ministrado em uma só classe, foi desdobrado depois em dois turnos. Mas o número de alunos era demasiado para um só professor, motivo porque se resolveu contratar uma auxiliar. Assim, ao começar o ano de 1912, vemos a srta. Hulda Scherer como segunda professora na escola paroquial com um ordenado de Cr\$ 80,00. O prof. Siedenberg dirigiu também um curso noturno para pessoas maiores. Além disso atendia a pequena biblioteca então existente e organizou, ainda, um grupo teatral, o Club dos Dilettantes, que tinha sua sede na então Sociedade de Agricultura.

1912

O ano de 1912 representa um marco decisivo na vida de Ijuí, pois assinala a emancipação da então colônia que havia consolidado suas bases econômicas. Tal qual o dr. Pestana como diretor da colônia, o Cel. Antônio Soares de Barros, intendente e prefeito municipal, sempre manifestou sua simpatia pela obra educacional prestada pela escola, dando-lhe todo o apoio e auxiliando-a.



## FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE ESCOLAR

Em 3 de novembro de 1912 foi transformada a escola paroquial em "Sociedade Escolar Alemã", tendo como dirigentes os srs. dr. Roberto Löw e Albino Brendler. Em sua nova fase a escola procurou intensificar o ensino do vernáculo, afim de proporcionar aos seus alunos o perfeito conhecimento da língua portuguesa, que os imigrantes falavam mal ou desconheciam. Os desejos da direção foram devidamente apreciados pelo intendente Cel. Soares de Barros, que pôs à disposição da escola, às expensas dos cofres municipais, como professora de português a srta. Maria Amorim. Seu ordenado foi de Cr\$ 100,00.

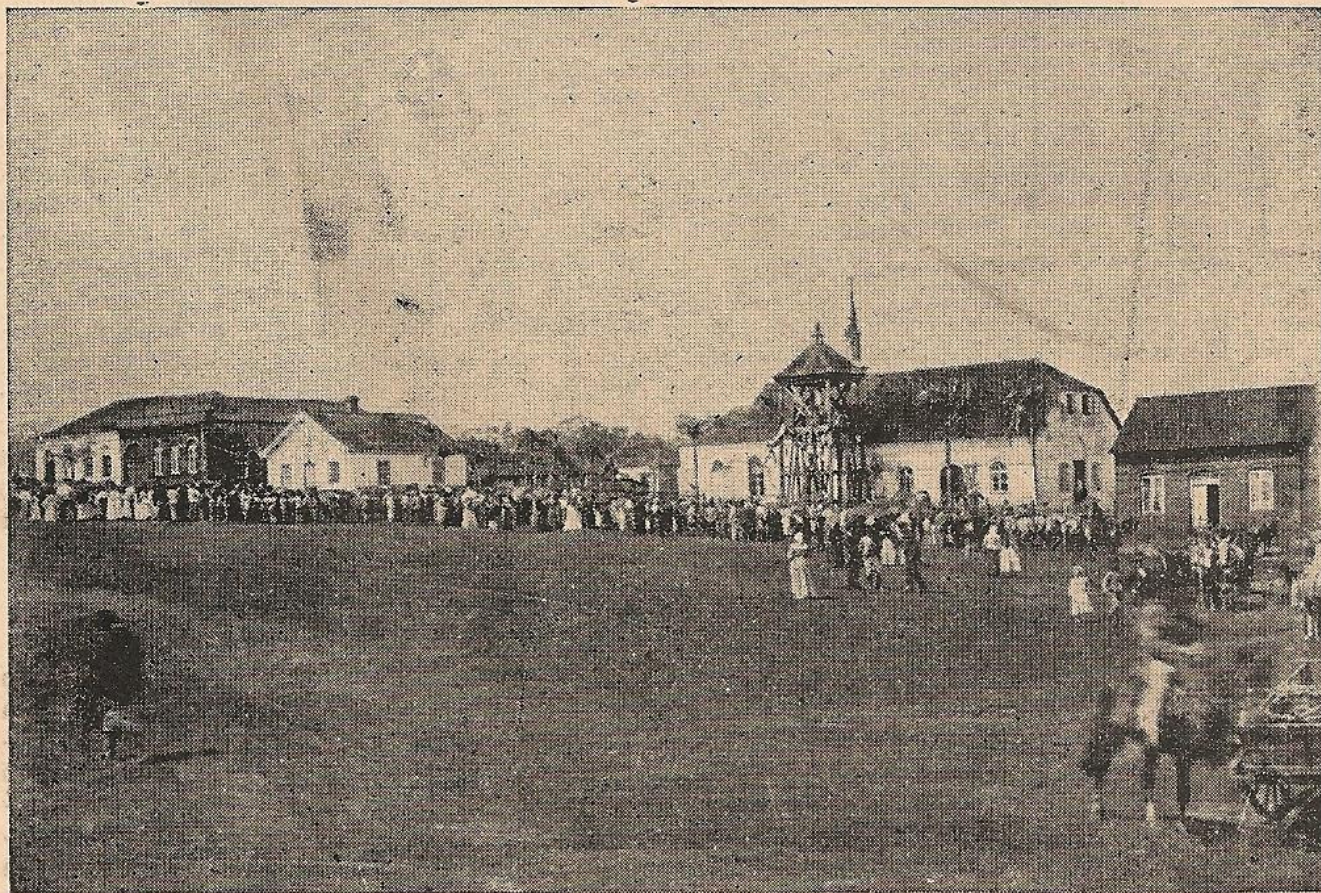
### 1913

Desta forma, a "Sociedade Escolar Alemã" pôde iniciar o ano letivo de 1913 com três professores (Henrique Siedenberg, Hulda

Scherer e Maria Amorim) e uma matrícula de 88 alunos. Para melhor acomodar as classes, foram alugados dois chalets, então pertencentes ao sr. Henrique Kopf Filho, na rua Ernesto Alves, esquina da 7 de Setembro. O ensino era ministrado em quatro classes. O ensino religioso esteve livre, podendo os alunos protestantes e católicos serem atendidos por seus respectivos sacerdotes.

### 1914

Quando da organização da Sociedade Escolar, já se cogitou da construção de um prédio próprio para a escola, que tinha à sua disposição três lotes urbanos na rua Floriano Peixoto, esq. José Bonifácio, doados ainda pelo saudoso dr. Augusto Pestana. O crescimento da matrícula transformou o desejo em imperativo, de sorte que, em 1914, foi resolvido pôr mãos à obra. A construção do prédio de madeira com três salas, separadas por paredes de alvenaria, custou a importância de 4 mil cruzeiros. A metade desta importância foi levantada por



Esta era a Praça da República em 1908. Ao fundo, a segunda casa à esquerda é a escola pública, onde lecionava o saudoso prof. Roberto Roeber. Neste local está hoje o Cine-Teatro Serrano.





Alunos da Escola Paroquial em 1910, vendo-se ao lado o professor Henrique Siedenberg.

doações voluntárias, permanecendo, pois, uma dívida de outro tanto quando se inaugurou o prédio próprio a 18 de outubro de 1914. Já então era diretor do estabelecimento o prof. Walter Mittag, que vinha substituir o prof. Siedenberg no começo do segundo semestre. Este deixara as suas funções para uma viagem à sua pátria, a Alemanha, no que foi impedido pelo eclosão da guerra. Ficou em Ijuí e aqui se radicou definitivamente, assumindo a princípio a direção de uma aula na Linha 7/8 Oeste.

O prof. Walter Mittag, que se encontrava no Brasil desde 1910, era formado pelo Real Seminário de Dresden. Lecionou a princípio em Pôrto Alegre e, depois, veio a Ijuí, aqui permanecendo por quatro anos. É de seu tempo a organização do primeiro plano de ensino com a divisão do curso em seis anos. Aos já existentes juntou-se, ainda, como quarto professor, o jovem Willy Seifert, recém-formado no Seminário do Sínodo Rio-grandense. Afim de fazer jús ao auxílio que a escola recebia do govêrno municipal, o seu diretor submeteu-se a um concurso, constando de português, aritmética, geometria, história e geografia do Brasil, sendo o professor Walter Mittag aprovado com distinção.

O crescente progresso que a escola poudo desfrutar desde a fundação de Sociedade

Escolar é devido à circunstância de contar sua direção em seu seio sempre com elementos desinteressados e com alcance de vistas. O dr. Roberto Löw, seu primeiro presidente, não só se dedicou inteiramente à organização do estabelecimento, como realizou reuniões de professores, e fez conferências de caráter instrutivo. Quando, em 1914, encetou uma viagem à Áustria, passou a presidência ao sr. Albino Brendler. Seguiu-lhe nessa função, em 1916, o dr. Ulrich Kuhlmann e, em 1926, o sr. Bernardo Gressler. Este prestou inestimáveis serviços à escola, nos longos anos até 1938, quando se verificou a fusão da Sociedade Escolar com a Comunidade Evangélica.

## 1915

As dívidas provenientes da construção oneraram durante anos a Sociedade. Sua amortização estava prevista através de coletas e de festas escolares. As festas de fim de ano eram, aliás, já uma tradição da escola, ocasião em que, pais e alunos se reuniam, ora na propriedade de um, ora na de outro dos membros para passar um dia em alegria. O resultado da venda de churrasco e bebidas e de alguns jogos revertiam em benefício da caixa sempre deficitária. Era então costume que as pessoas que ajudavam





As festas escolares de fim de ano, reunindo pais e alunos, constituem uma antiga tradição do estabelecimento. Aqui vemos um grupo tomado na festa de 1913, aparecendo os professores Henrique Siedenberg, Maria Amorim e Hulda Scherer, o primeiro à direita e as últimas à esquerda. Esta festa se realizou no pomar do sr. Albino Brendler.





Laços de sincera amizade uniram estas senhoritas da sociedade ijuíense, que aqui vemos posando ao fotógrafo. Entre elas estão as professoras Hulda Scherer (à esquerda), que depois se casou com o sr. Bjarke Johansen e Maria Amorim (3.<sup>a</sup> da direita). — (1915)

nos diversos serviços recebiam a comida gratuitamente. Quando o sr. Bernardo Gressler foi eleito para a diretoria, em 1915, sugeriu a abolição deste uso, ou melhor, abuso, pois constituía sensível evasão de renda. Os resultados desta medida não se fizeram esperar. Por iniciativa do sr. Bernardo Gressler promoveu-se, também, uma ação de envergadura para amortizar as dívidas. Dirigiu-se um apêlo ao comércio atacadista de Pôrto Alegre, solicitando uma contribuição mínima de 40 Cruzeiros. O resultado ultrapassou as expectativas. Muitos remeteram mais do que o solicitado e, mesmo, se prontificaram a dar novos auxílios.

### 1916/17

Data dessa época, também, a instalação do primeiro internato em Ijuí, o que vem demonstrando o ritmo de progresso que se verificava na sede do novel município. Nesse período a matrícula alcançava a casa dos 150 alunos.

A conflagração mundial não teve reflexos perniciosos sobre o trabalho da escola, pois o clima de respeito e mútua compreensão reinante graças à orientação serena e ponderada do então intendente, o insigne Cel. Antônio Soares de Barros, não estava propício a atos que não visassem o progresso e o bem-estar de nossa população.

Data desta época também a primeira alteração do nome da escola que vulgarmente chamada de "Escola Alemã", passou a denominar-se, por sugestão do intendente municipal, Cel. Soares de Barros, de "Escola Moderna".

### 1918

Em 1918 assumiu a direção da Escola o prof. Arthur Grundmann, ingressando no corpo docente ainda a professora Hedwig Hoese, ambos com curso feito em seu país de origem. Passou ela a lecionar os principiantes e dar as aulas de trabalhos manuais.

D.<sup>a</sup> Hedwig Hoese, esposa do agrimensor Adolfo Hoese, que prestou seus serviços durante anos à Comissão de Terras, vinha dando aulas particulares a um grupo de crianças, que se foi avolumando aos poucos, ao ponto de chegar a 48 em fins de 1917. Foi quando a diretoria da Sociedade Escolar a convidou para lecionar no estabelecimento, transferindo ao mesmo, mediante condições, os seus alunos. Diante dos bons propósitos de ambas as partes, a professora Hedwig Hoese passou a integrar, em meados de 1918, o corpo docente da nossa escola, transferindo-lhe os 38 alunos que iam continuar os estudos. Serviu com dedicação e eficiência durante vinte anos ao ensino dos pequeninos.



Neste ano temos, também a substituição da professora Maria Amorim, por todos querida, pela sua colega Hipólita Burtet, como professora de português, mantida pela Prefeitura Municipal. Enquanto d.<sup>a</sup> Hipólita iria ficar no estabelecimento até 1927, d.<sup>a</sup> Maria Auorim encetaria, como professora pública, brilhante carreira, em cujo apogeu se situa a fundação da Escola Normal e Colégio Osvaldo Aranha em Alegrete.

## 1920

Cada época apresenta novos problemas e, solucionado um, outro surge. Em virtude da permanente carência de meios, a Sociedade não podia pagar ao professorado ordenados compensadores. Os alugueis também subiam e, muitas vezes, era difícil encontrar próxima à escola uma casa adequada. Resolveu-se, pois, em 1920, criar um fundo de construção, ao qual reverteriam as sobras

das mensalidades, bem como a renda dos festivais e das festas. O crescimento da matrícula exigia, outrossim, a instalação de mais uma classe.

## 1923

Os planos de construção foram aprovados em 1923, mas, diante da falta de recursos, foram sendo protelados até 1928. Entretanto, uma das classes passou a funcionar, provisoriamente, numa dependência da cancha de bolão, pertencente ao finado sr. Alberto Genz.

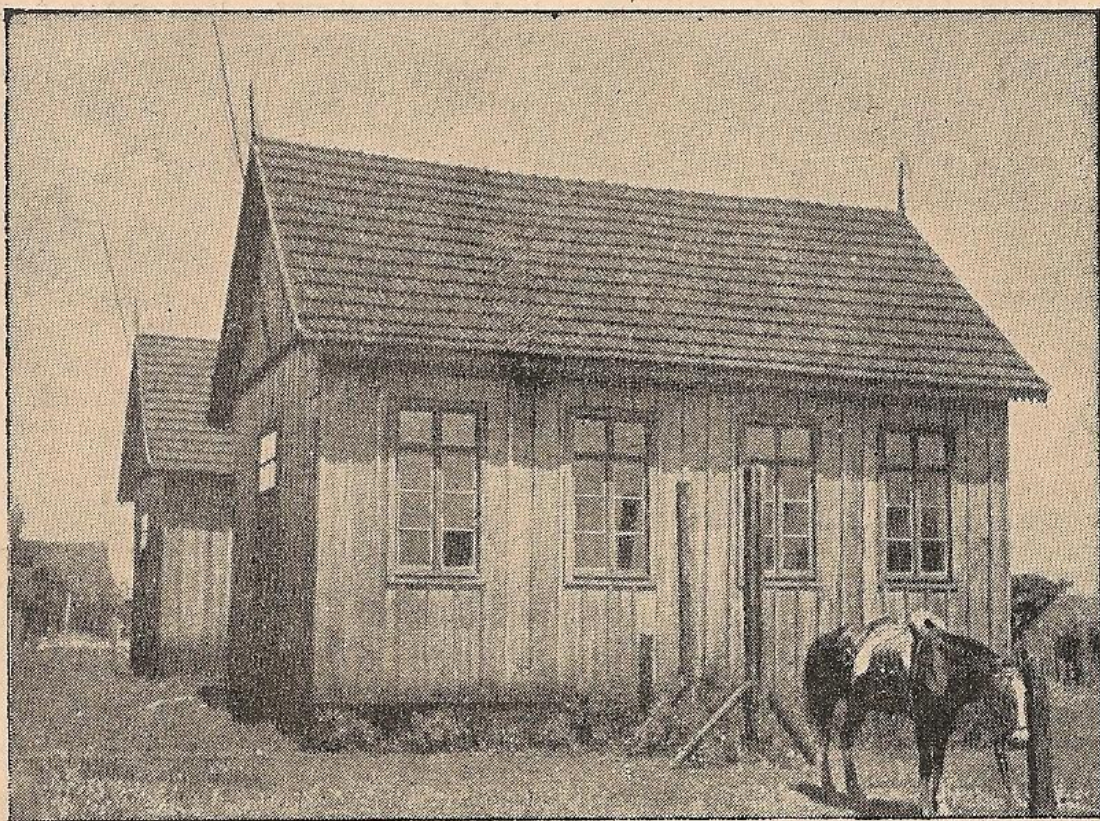
## 1926/1927

Em 1926 o diretor Artur Grundmann deixou sua função afim de transferir residência para São Paulo, onde iria lecionar na Escola da Vila Mariana. Foi seu substituto o professor Hans Schröper, que aqui per-



Quando assumiu a direção da escola, o professor Walter Mittag cuidou também da instalação de um internato para meninos, objetivo que realizou após o ingresso do novo professor sr. Willy Seifert. A foto mostra os primeiros alunos internos ladeados pelos diretores Walter Mittag (à direita) e professor Willy Seifert (à esquerda). — (1916)





O primeiro prédio próprio para a escola foi construído em 1914. Custou então 4 mil Cruzeiros e tinha três salas de aula. Serviu até 1931. Naquêle tempo muitos alunos vinham da colônia que, então, estava mais próxima do centro urbano. Montados em seu cavalo, entregavam leite na então vila para depois virem assistir as aulas. Assim se viam sempre alguns cavalos atados no pátio da escola.

maneceu pouco tempo apenas. É da sua iniciativa a criação de uma orquestra infantil, que muito alegrou nossa população com suas exibições de flautas e tambores.

## 1928

Finalmente, em 1928, efetivou-se a construção de duas casas, ambas de alvenaria, uma com moradia de quatro peças e uma sala de aulas, a outra com moradia de duas peças para um professor solteiro. O custo da obra foi de 12 mil Cruzeiros, dos quais somente a metade existia nos cofres da Sociedade.

Neste mesmo ano verificou-se, ainda, substancial renovação do corpo docente. Como professora municipal assumiu suas funções a srta. Amália Lange, sendo contratados ainda os professores August Brutscheidt e Karl Soelter. Eram três figuras de grandes conhecimentos didáticos, educadores competentes e professores dedicados. Sob a orientação do diretor Karl Soelter elabo-

rou-se minucioso programa de ensino, cuja execução trouxe inestimáveis benefícios aos alunos pela maior sistematização das matérias. Os alunos finalistas deixavam, efetivamente, o estabelecimento, senhores de uma sólida base, para ingressarem na vida prática. O curso foi estendido por um sétimo e um oitavo ano, lecionando-se as seguintes matérias: Português, Alemão e Inglês, História do Brasil, História Universal, Corografia do Brasil, Geografia geral, Aritmética, Álgebra, Geometria, Física, Química, História Natural, Religião, Desenho, Canto, Trabalhos Manuais e Ginástica.

## 1929

O já então velho casarão, construído em 1914, não somente ameaçava ruir, como ainda se tornara pequeno para acomodar todos os alunos, cuja matrícula subira em 1929 a 172. Também se cogitava da instalação de um internato. Tomou-se, então, a resolução de construir



amplo prédio de alvenaria com seis salas de aulas no andar térreo e acomodações para o internato e dois professores no sobrado. Assim se fez e, em março de 1930, iniciou-se a construção a cargo dos srs. Emílio Wallentowitz e Victor Kopittke. O orçamento era de 57 mil Cruzeiros, mas o custo final se elevou a 65 mil Cruzeiros. O novo prédio se construiu nos fundos da primitiva escola, que foi prestando seus serviços até a véspera da inauguração, quando foi demolida.

1931

## O NOVO PRÉDIO

A inauguração do novo prédio, motivo de orgulho para a diretoria presidida pelo sr. Bernardo Gressler, realizou-se, em caráter festivo, a 13 de setembro de 1931. Como em ocasiões anteriores e também posteriores, a população da então vila não se fez de rogada, cooperando com largas contribuições para custear a obra, sendo, também, de salientar a maneira solícita com que o alto comércio de Porto Alegre atendeu aos apelos da diretoria, contribuindo com valiosos óbolos. O resultado da festa inaugural rendeu o bastante para solver o restante dos compromissos da construção.

Atendidas as condições da doação, o prefeito Cel. Soares de Barros mandou passar

a escritura dos terrenos à Sociedade Escolar Ijuicense a 27 de fevereiro de 1931.

Datam dessa época também os festivais artísticos, promovidos sob a direção da professora Amália Lange, que sabia tornar um acontecimento social estas noites pela perfeita encenação e pelo cabal desempenho que os pequenos artistas davam aos seus papeis. Sua vocação artística também se refletia nas aulas de trabalhos manuais tanto das meninas como dos rapazes, além das aulas de pintura que dava em caráter particular. Deixou dona Amália a escola em fins de 1931 afim de contrair matrimônio. Mesmo assim haveria de voltar a prestar os seus serviços ao estabelecimento.

Na parte musical, a escola teve, então seus grandes dias. Os dotes de consumado musicista que é o professor August Brutscheidt se refletiam tanto no câro do colégio, como na orquestra e nos conjuntos musicais que dirigia, proporcionando ao público noites inesquecíveis da sublime arte de Euterpe.

1932

O novo prédio permitiu a realização de mais dois objetivos, de suma importância para a vida da escola. Um era a instalação do internato que o professor Soelter dirigiu, a princípio, pessoalmente. O outro era o jardim de infância, o primeiro a se instalar em Ijuí, e que funcionava à tarde,



Grupo de alunos feito em frente à primeira escola, vendo-se o diretor Arthur Grundmann à direita e as professoras Hedwig Hoese, Hipólita Burtet e Betty Glitz Fuhrmeister à esquerda. — (1922)





Este grupo de alunos foi feito em 1929, tendo por fundo a casa construída em 1928 para moradia de professor e uma classe. À esquerda aparecem o professor Augusto Brutscheidt e esposa, o diretor Carlos Soelter e o pastor Francisco Kreutler, à direita as professoras Amália Lange, Hedwig Hoese e Margret Kuhlmann.

visto não haver acomodações suficientes no turno da manhã. Neste mistér, o prof. Soelter estava sendo coadjuvado pela srta. Hedwig Schaefer. funcionando êste curso durante dois anos com uma matrícula de 35 a 40 crianças.

Por iniciativa do diretor realizavam-se, ainda, periódicamente, reuniões com os professores do interior, em que eram ministradas aulas de aperfeiçoamento, além da troca de idéias sôbre problemas do ensino.

O corpo docente foi ainda integrado por uma senhora de finos dotes de cultura, d.<sup>a</sup> Margret Kuhlmann, esposa do benquisto facultativo dr. Ulrich Kuhlmann. Embora se tivesse formado professora, nunca exerceu a profissão por necessidades materiais. Quando, porém, com o crescimento da escola, foi incluído no programa o ensino de inglês, prontificou-se dona Margret a lecionar esta cadeira, graciosamente, tendo ainda assumido interinamente a direção durante uma viagem à Europa do prof. Soelter.

Também prestou seus serviços, desinteressadamente, à escola a sra. Maria Schröter, esposa do dentista Rudolf Schröter, dando durante vários anos as aulas de ginástica às

meninas. Colaborava assiduamente, ainda, nos festivais do Colégio com a encenação de números de ginástica rítmica e danças.

## 1934

A partir de 1934 verificaram-se repetidas mudanças no corpo docente. Estas alterações são ilustradas pelo quadro do professorado que publicamos à parte.

## 1937

O ano de 1937 assinala a construção, pela Ordem Auxiliadora das Senhoras, da Casa da Comunidade, com amplo salão de festas, e onde encontrariam acomodação também o Jardim de Infância — de que trataremos em separado — bem como o internato das meninas.

## 1938

A êste trabalho paciente de construção sobreveem, em 1938, séria crise. A nova orientação de ensino, fruto dos postulados do Estado Novo, trouxe em seu bojo o fim do liberalismo na política de ensino que, através da emulação, havia produzido num



ambiente de integração nacional, como o nosso, tão excelentes frutos. Sua abolição de um momento para outro haveria de causar, indubitavelmente, profundo choque. O traumatismo gerado por êste impacto, somente aos poucos ia se desfazendo. Um dos pontos difíceis foi a situação do corpo docente com a proibição aos professores estrangeiros de lecionar.

Diante da alternativa que a nova situação havia criado, homens conscientes de suas responsabilidades, como os srs. dr. Roberto Löw e Bernardo Gressler, marcaram os novos rumos. Um estabelecimento de ensino como o "Colégio Ijuense" — tal era então a sua denominação — não poderia deixar de prestar os seus serviços à coletividade ijuense, à qual vinha servindo há quase quarenta anos com os mais alevantados propósitos patrióticos. Outra solução se não continuar, seria desertar de seu posto na batalha de alfabetização de nosso povo, seria mesmo, renegar os sãos princípios cristãos que até aqui lhe serviram de guia; seria, ainda, deixar de corresponder à confiança nunca desmerecida de um Augusto Pestana e um Soares de Barros. Fixando os novos

rumos foi, então, superada a crise que se apresentava ameaçadora.

Neste ano, a 13 de maio de 1938, verificou-se, ainda, a fusão da Sociedade Escolar Ijuense com a Comunidade Evangélica, já que a orientação da primeira se identificara, de há muito, com a desta. Em consequência, o nome da escola passou de Colégio Ijuense para Colégio Sinodal.

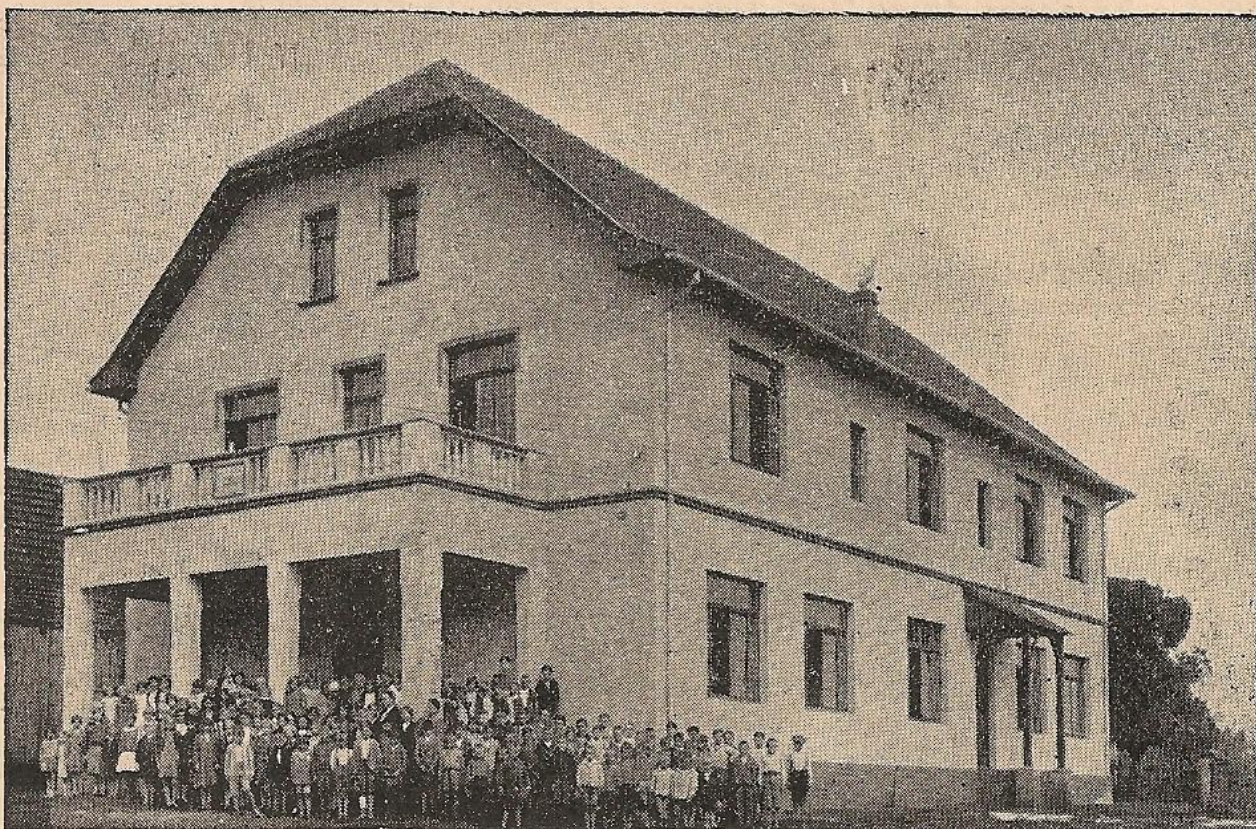
## 1939

Assumiui a direção da escola a professora Amália Lange Löw, cuja atuação serena serviu para restabelecer a confiança no futuro da escola que, em breve, reencetaria sua fase de desenvolvimento contínuo, conforme se poderá ver linhas adiante. Os serviços que a professora Amália Löw, abandonando o aconchego de seu lar para acudir ao chamamento da escola, em que já deixara indeléveis recordações, prestou ao estabelecimento, nunca podem ser por demais enaltecidos. Dado o atraso com que se abriu a matrícula, a maioria dos alunos já se haviam matriculado em outros estabelecimentos, de sorte que o número de alunos ficou reduzido nesse ano a 40.



Grupo de alunos, tendo a professora Amália Lange ao centro, feito como despedida do prédio velho antes de ser demolido. Nos fundos aparece o telhado da nova construção, pronta para ser inaugurada. — (1931)





O prédio novo da escola, recém construído, com um grupo de alunos. (1931)

## 1940

Em 1940 foi contratado o professor Herbert Uhlmann, formado pelo Seminário Evangélico do Sínodo Riograndense, e que assumiria a direção da escola no ano seguinte. A matrícula, neste ano, subiu a 71, para em 1941 ultrapassar novamente a casa do cem.

## 1942

No ano de 1942 ingressa no corpo docente o professor Wilmar Eduardo Keller, também formado pelo Seminário de São Leopoldo, e que, com a saída do professor Uhlmann assumiu a direção da escola.

## 1943

Ao se iniciarem os anos letivos de 1943 e 1944, respectivamente, foram contratadas pela direção da escola as professoras Edltraud Schröter Gressler e Haydée Maria Figueiredo Neves, ambas normalistas, que,

graças aos seus sólidos conhecimentos didáticos e sua contração ao trabalho escolar, contribuíram decisivamente para o extraordinário progresso e conseqüente aumento da matrícula que o estabelecimento experimentou daí por diante. Integraram, ainda, o corpo docente durante os anos de 1943 a 1946 vários outros professores, cuja passagem pelo estabelecimento foi de menor duração, constando os seus nomes no quadro de professôres que à parte se publica. Destacamos, no entanto, os nomes dos professores Roberto Mühlbach e Paul G. Goetz, o primeiro como administrador do incipiente internato que, então, começou a funcionar com menos de uma dezena de internos, e o segundo que, na qualidade de pastor auxiliar da Comunidade, foi assistente eclesiástico e professor de religião.

Os problemas materiais nunca deixaram de ser motivos de preocupação para a direção. Assim temos, em 1943, avultadas despesas com a construção do muro e da calçada, que representaram gasto elevado para a época.



1946

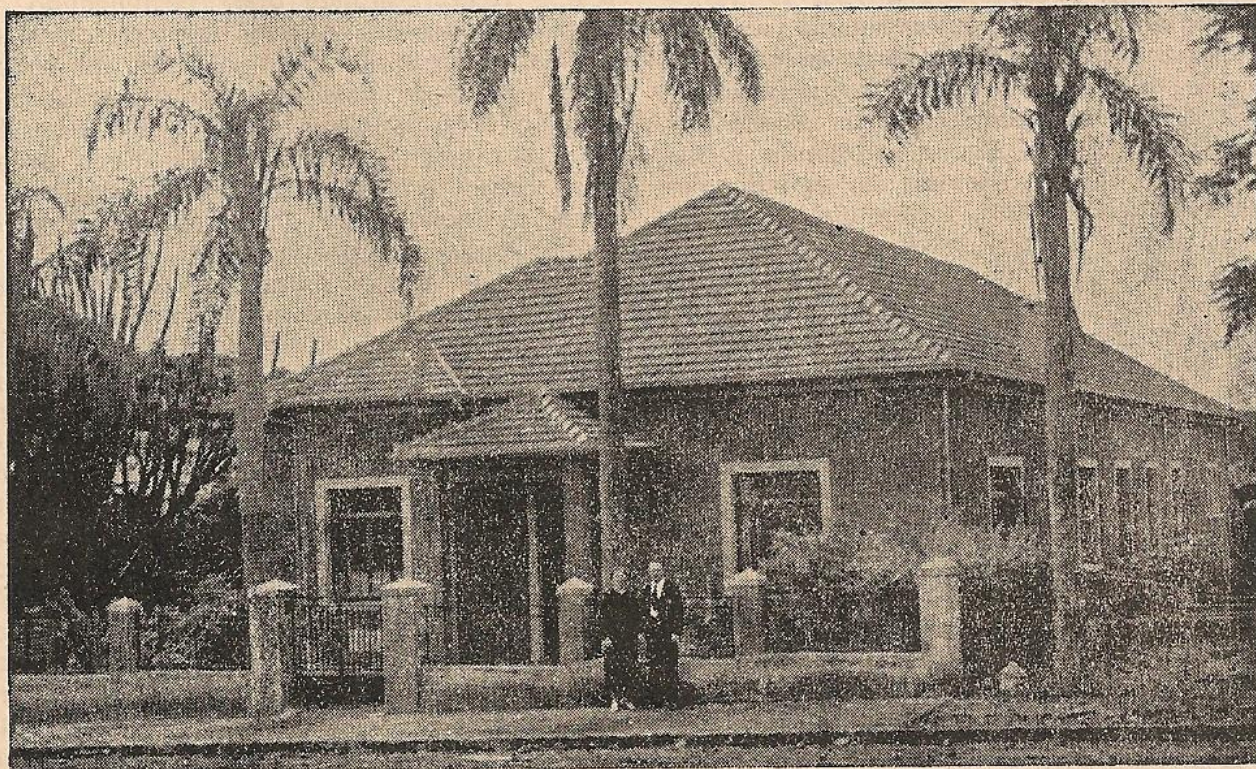
Por ocasião do aniversário do município, a 19 de outubro de 1946, a direção da escola, atendendo a uma determinação emanada da Secretaria de Educação, no sentido de que todos estabelecimentos de ensino primário adotassem a designação de "Escola" juntamente com o nome de um vulto nacional, e tendo em vista os inestimáveis méritos do saudoso diretor da Colônia de Ijuí, resolveu alterar o nome do estabelecimento de Colégio Sinodal para "Escola Sinodal Augusto Pestana". O estabelecimento, sob a nova denominação, iria iniciar uma fase extraordinária de progresso que culminaria com a instalação do Ginásio.

Em 1946 e 1947, respectivamente, ingressaram no corpo docente da escola, além de vários outros, três professores que, com dedicação, vem devotando ao estabelecimento os seus melhores esforços: os professores Armindo E. Porcher, Henrique Bartels e Eva Fensterseifer.

1947

## FUNDAÇÃO DO GINÁSIO

O aumento considerável da matrícula, que bem se pode evidenciar pela tabela anexa, em pouco tempo tornou exíguas as salas de aulas do prédio existente, começando-se, então, seriamente a cogitar da construção de um novo prédio, que pudesse abrigar condignamente o grande número de alunos. É natural, pois, que concomitantemente com esses planos de construção surgisse a idéia de erigir um prédio que não somente atendesse ao curso primário, mas possibilitasse, também, a instalação de um ginásio. O curso secundário há muito tornara-se uma premente necessidade, haja visto o apreciável número de alunos que anualmente, ao completarem o curso primário, iam se matricular em outros estabelecimentos secundários da cidade ou congêneres evangélicas de outras localidades. Era grande, porém, o número de jovens que, por motivos vários, não continuavam o estudo em estabelecimento



A Casa da Comunidade inaugurada em 1938, que serve de sede à Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas e onde funciona o Jardim de Infância. Na foto, tirada logo após a inauguração, vemos o rev. Pastor Kreutler e esposa.



secundário. Si bem que desde vários anos o curso primário fôra ampliado para seis anos, possibilitando, desta maneira, aos seus matriculados a aquisição de conhecimentos mais aprofundados em tôdas as matérias do programa do curso primário, com real proveito para muitos jovens que hoje labutam no comércio, na indústria e outras profissões, o curso ginásial tornára-se indispensável e todos os interessados o reclamavam com insistência.

Esta era a situação quando a diretoria da Comunidade Evangélica resolveu convocar uma Assembléia Geral Extraordinária, que se realizou a 9 de setembro, e em cuja ata se lê o seguinte: "Sendo que há tempos existe entre os membros desta comunidade o desejo de possuímos nesta cidade um ginásio evangélico, a diretoria convocou a presente assembléia afim de deliberar sobre o assunto. Acontece, ainda, que a Escola Evangélica Augusto Pestana, mantida por esta comunidade, se vê diante da necessidade de ampliar as suas instalações, afim de melhor desempenhar a sua missão no ensino e na educação da nossa juventude. Aberta a sessão, o presidente concedeu a palavra ao Rev. Pastor Ernesto Jost, que fez ampla exposição sobre a situação atual da Escola e a necessidade de ser a mesma suplementada por um curso secundário. Depois de amplamente discutido o assunto, foi resolvido, por unanimidade, a fundação de um Ginásio com a denominação de Ginásio Evangélico Augusto Pestana, ficando a diretoria autorizada a tomar as providências requeridas. Além disso, foram eleitos os seguintes membros para integrarem a Comissão de Construção, srs. Henrique R. Gressler, Leopoldo Löw, Carlos Kretschmer, Alfredo Jost, Bruno Schmitt e Claas Reuwsaat".

## 1948

Entre as providências tomadas figura de um lado um entendimento com o saudoso Inspetor Federal de Ensino, sr. José Dell' Aglio, residente em Cruz Alta, que orientou a princípio o estabelecimento sobre as providências a tomar para o seu registro no Ministério da Educação, e posteriormente procedeu a inspeção, dela elaborando substanciado relatório. Mostrou-se, em todos os momentos, até seu trágico desaparecimento em fins de 1949 um dedicado amigo e desinteressado orientador de nosso trabalho, entusiasta que era, e dos maiores, da difusão do ensino secundário em nosso Estado. Declinando aqui o seu nome, re-

verenciamos a sua memória como exemplo de abnegação e devotamento ao bem público.

A outra providência se referia à construção do novo pavilhão do Ginásio. Sobre a mesma, lemos na ata da sessão realizada a 1.º de fevereiro de 1948: "O Rev. Pastor Jost informou sobre o andamento dos trabalhos preparatórios do projetado Ginásio. Em especial apresentou o anteprojeto para a construção de um aumento do prédio, elaborado pelo arquiteto A. Theo Wiederspahn, de Pôrto Alegre, o qual foi aceito pelos presentes, sendo a Comissão de Construção autorizada a resolver os detalhes do mesmo. Outrossim, ficou a diretoria encarregada de, em cooperação com uma Comissão Central pró-construção do Ginásio Evangélico Augusto Pestana angariar os fundos necessários para a mencionada construção, bem como para a aquisição de mais terrenos indispensáveis ao funcionamento do Ginásio".

E ainda em ata de 1.º de junho de 1948 lemos: "A diretoria da Comunidade e da Comissão de Construção apresentaram à Comissão Central as seguintes propostas: 1.º) Nomear para o cargo de diretor do Ginásio Evangélico Augusto Pestana o professor Arno Sommer que, pertencendo ao corpo docente do Ginásio Visconde de Mauá de Santa Cruz do Sul, por este foi cedido pelo espaço de dois anos para organizar e dirigir o nosso Ginásio. 2.º) Projetos definitivos para a construção do novo prédio bem como o plano de seu financiamento. Após pormenorizada discussão foram aprovadas ambas as propostas".

A partir desse momento, os trabalhos iriam se desdobrar com ritmo acelerado. O professor Arno Sommer cuidou da organização do curso e do preparo da documentação necessária ao registro no Ministério da Educação. Enquanto isto, a Comissão de Construção e a grande Comissão Central puzeram mãos à obra. Os primeiros tomando as medidas relacionadas com a edificação, a segunda, encabeçada pelo Rev. Pastor Jost dedicou-se à coleta dos fundos. Foi uma tarefa árdua e estafante que, agora, decorridos quatro anos, ainda não está encerrada. De visita em visita, de peditório em peditório, conseguiu-se doações num valor superior a 600 mil Cruzeiros. Conseguiu-se, graças a decidida cooperação do então Ministro Clovis Pestana, um auxílio do Ministério da Educação na importância de 100 mil Cruzeiros. As festas anuais do estabelecimento canalizaram também suas





A pedra fundamental do novo edifício para o Ginásio foi lançada a 4 de novembro de 1948, sendo o ato presidido pelo ministro Clovis Pestana, filho do saudoso engenheiro Augusto Pestana. O cliché foca o momento em que fazia seu discurso o ilustre conterrâneo, aparecendo ainda os srs. dr. José C. Candiago, Juiz de Direito, Joaquim Porto Vilanova, Prefeito Municipal, Ely Corrêa Prado, Delegado de Polícia, dr. Esmeraldo R. da Silva, Promotor Público, dr. Cezar Pestana, Juiz da Capital do Estado e também filho do fundador de Ijuí, além de outras pessoas gradas.

rendas para o fundo de construção. Assim foi possível levar para a frente as obras do novo pavilhão para o Ginásio, cuja pedra fundamental foi lançada a 4 de novembro de 1948, tendo vindo especialmente do Rio de Janeiro o Ministro Clovis Pestana, que não mediu sacrifícios para poder vir presidir esta solenidade. Foi, efetivamente, uma solenidade tocante, cuja parte religiosa foi oficiada pelo rev. Pastor Jost, fazendo o discurso oficial o jornalista Ulrich Löw, então presidente da direção do Ginásio, seguido por substancial alocução do padrinho do ato, Ministro Clovis Pestana.

O novo prédio é construído em cimento armado, cobrindo uma área de 318 metros quadrados, medindo o corpo do edifício 15 por vinte metros. Tem três andares com sótão habitável. Além do gabinete do di-

retor, da secretaria e do laboratório, abriga o edifício 9 salas de aulas com capacidade para 450 alunos, além de biblioteca e gabinete médico-biométrico.

1949

A construção do novo prédio e mais as dependências acima enumeradas, resultaram em prejuízo do espaço destinado ao recreio e do campo para ginástica e esportes. Assim sendo, a direção do ginásio não hesitou em efetuar a compra de um terreno com casa, situado nos fundos do estabelecimento, com frente para a rua 20 de setembro, quando se lhe deparou esta oportunidade. Foi ali instalado modelar campo de esporte e de ginástica que ainda serve para o recreio. A casa teve de ser re-



1951/52

construída, perfazendo a despesa total cerca de 225 mil Cruzeiros. Além disto comprou-se uma chácara no prolongamento sul da rua 19 de Outubro, com uma área de 15,8 hectares, estando planejada a construção de uma ampla praça de desportos ali. O custo desta aquisição com os melhoramentos aí feitos ascende a 160 mil Cruzeiros. Temos, assim, um dispendio de quase um milhão e 600 mil Cruzeiros em obras e imóveis adquiridos para o Ginásio. Toda esta importância não pôde ser amortizada neste curto lapso de tempo, existindo dívidas que alcançam 700 mil Cruzeiros, importância assaz elevada que nos impõe continuarmos neste empenho até aqui demonstrado para podermos, dentro de um prazo razoável, atender a este compromisso também.

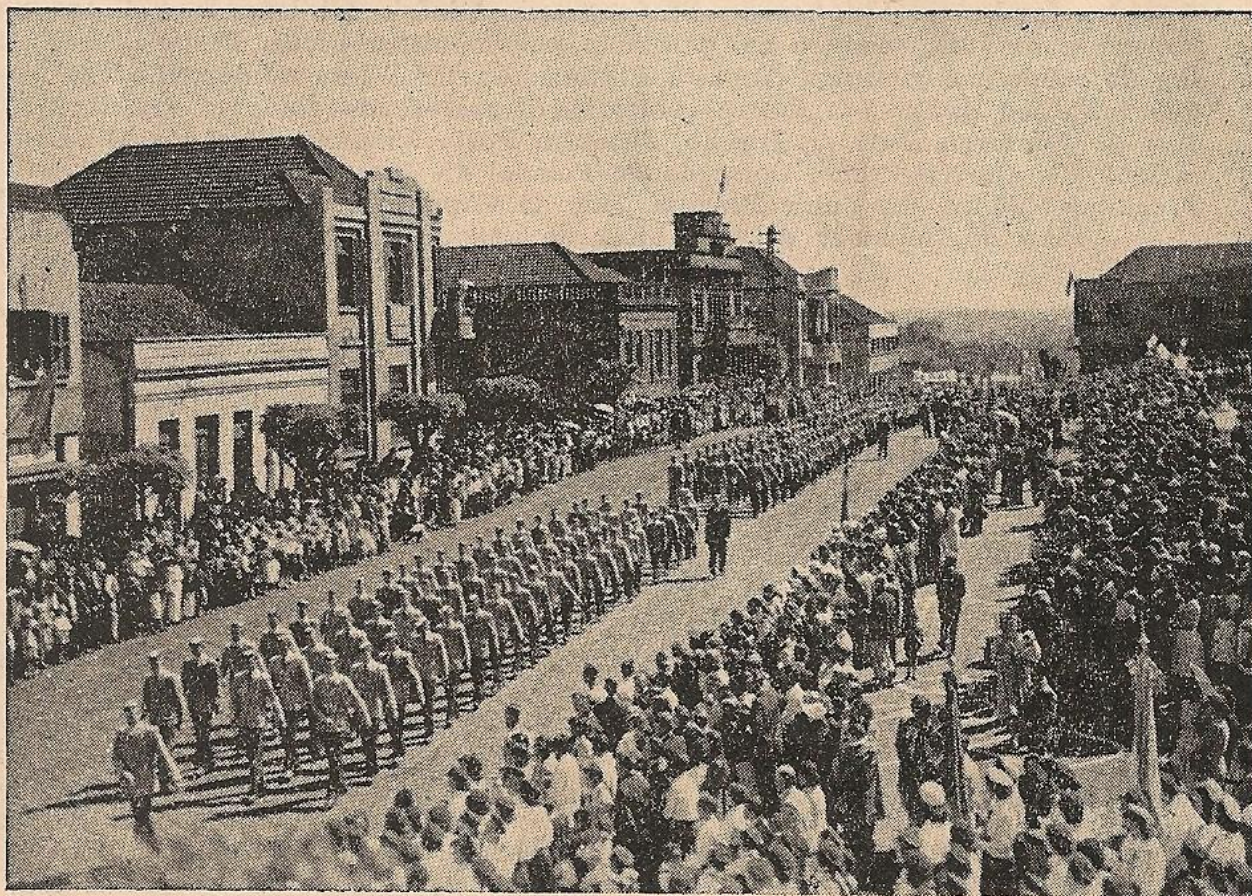
Em 1949 tiveram início as aulas do curso ginasial com as duas primeiras séries, apresentando a matrícula 68 alunos. Já no ano seguinte subiu para 130, algarismo deveras animador.

No começo de 1951, as obras já tinham progredido animadoramente, com dois pisos levantados, de sorte que algumas classes passaram a funcionar no novo pavilhão, não obstante ainda estivesse em construção. Somente assim foi possível resolver o difícil problema de acomodação das aulas e dar também maior comodidade ao número crescente de alunos internos.

Ao terminar o ano letivo formou-se a primeira turma de dez alunos, com a conclusão do curso ginasial, tendo como parainfo o ilustre filho de Ijuí, deputado Clovis Pestana.

O constante progresso verificado nos anos anteriores, perdurou também no corrente exercício, o que se reflete principalmente na matrícula do curso ginasial e no número de alunos internos de ambos os sexos.

O internato está concorrendo para o sempre crescente desenvolvimento do Ginásio. No internato masculino, sob a direção do



Os alunos do Ginásio Evangélico Augusto Pestana no desfile da Semana da Pátria.





#### GRUPO DE PROFESSORES DO GINÁSIO.

De pé (da esquerda para a direita): Rev. Wilson Vilanova, Pastor Rodolfo Schneider, Erich A. Keske, diretor Arno Sommer, Richard Steinke, Wilmar Eduardo Keller, Armindo E. Porcher e Henrique Bartels. Sentadas: Iracema O. Carvalho, Maria Laveuve, Erica Keske, Gertrudes Jost, Lorely S. Genz, Haydée M. F. Neves, Karla Olschowsky, Yolanda F. Kronberg, Eva Fensterseifer e Edeltraud S. Gressler.

professor Keske, se encontram atualmente 70 alunos, ao passo que o internato feminino, atendido pela governante Irmã Erika sob a supervisão direta do casal Pastor Jost, abriga 25 meninas.

A construção do novo prédio poudé ser levada a bom t rmo para ser inaugurada a 9 de novembro juntamente com a festa anual do estabelecimento que, por êste motivo, terá especial significac o.

A obra foi orçada em um milhão e 125 mil Cruzeiros. Mas como foi construido em administra o, com a assistência desinteressada da respectiva comissão, bem como do engenheiro civil Arno Glitz e do arquiteto Siegfried Costa, foi possivel fazer grandes econ mias. Não podemos tratar dêste capítulo sem fazer uma referência todo especial ao trabalho incansável realizado pelo Rev. Pastor Jost, que foi o grande animador da obra, dedicando todo o seu tempo disponível a êste empreendimento, quer na coleta de fundos, quer na compra de material e principalmente acompanhando a obra quase diuturnamente para que não faltassem materiais e para que sua aquisi o se fizesse sempre nas condi es mais vantajo-

sas, trabalho êste que merece especial destaque. Graças ao rigoroso controle dos gastos, foi possivel construir com uma despesa total de cêrca de 1 milhão e 200 mil Cruzeiros, além do prédio para o Ginásio, mais o refeitório com cosinha, lavanderia, depósito, garage e moradia para empregados, com uma área de 321 m<sup>2</sup>, uma área coberta com 120 m<sup>2</sup> e novas instala es sanitárias para o Externato com 131 m<sup>2</sup>.

Em 1952 concluir  o curso ginasial a primeira turma de alunos que estudaram os quatro anos em nosso estabelecimento. Esta turma de quartanistas se compõe de 31 alunos.

Desta forma, o ano de 1952 se encerra com dois acontecimentos de alta significac o para o Ginásio Evangélico Augusto Pestana. A dire o espera que, habilitado como está, tanto na parte material como na parte didática para o perfeito cumprimento de sua missão educadora, o estabelecimento continue a desfrutar as simpatias que até aqui lhe foram tributadas para continuar, com a graça de Deus, como fator de progresso de nosso querido Ijuí.



## O Jardim de Infância

A educação pré-escolar é, sem dúvida, um problema que deve preocupar a direção de qualquer estabelecimento de ensino. Sabido que é, que a vida em conjunto e a disciplina são fatores que a criança precisa encarar de frente no momento em que principia os seus estudos. Prepará-las para este ambiente, tão diferente do de seu lar, é o objetivo dos cursos pré-primários ministrados nos jardins de infância sob o lema de aprender brincando.

Pela primeira vez foi concretizado pela nossa escola, com resultados promissores, ao tempo da direção do professor Karl Soelter. Funcionou durante dois anos com uma matrícula de 35 a 40 crianças. Teve como professora a srta. Hedwig Schaefer.

Mais tarde, com a construção da Casa da Comunidade, puderam ser removidos os precalços que dificultaram a primeira tentativa. A Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas inscrevera em seu programa a manutenção de um Jardim de Infância. Este objetivo pôde ser realizado com a inauguração da Casa da Comunidade em princípios de 1938, da qual foi grande propulsor o então pároco Rev. Francisco Kreutler.

Convenientemente instalado em sala própria, com todos os requisitos, foi inaugurado o novo curso em princípios de março de 1938, sendo sua professora a srta. Brunhilde Sellins. A matrícula foi de 35 alunos.

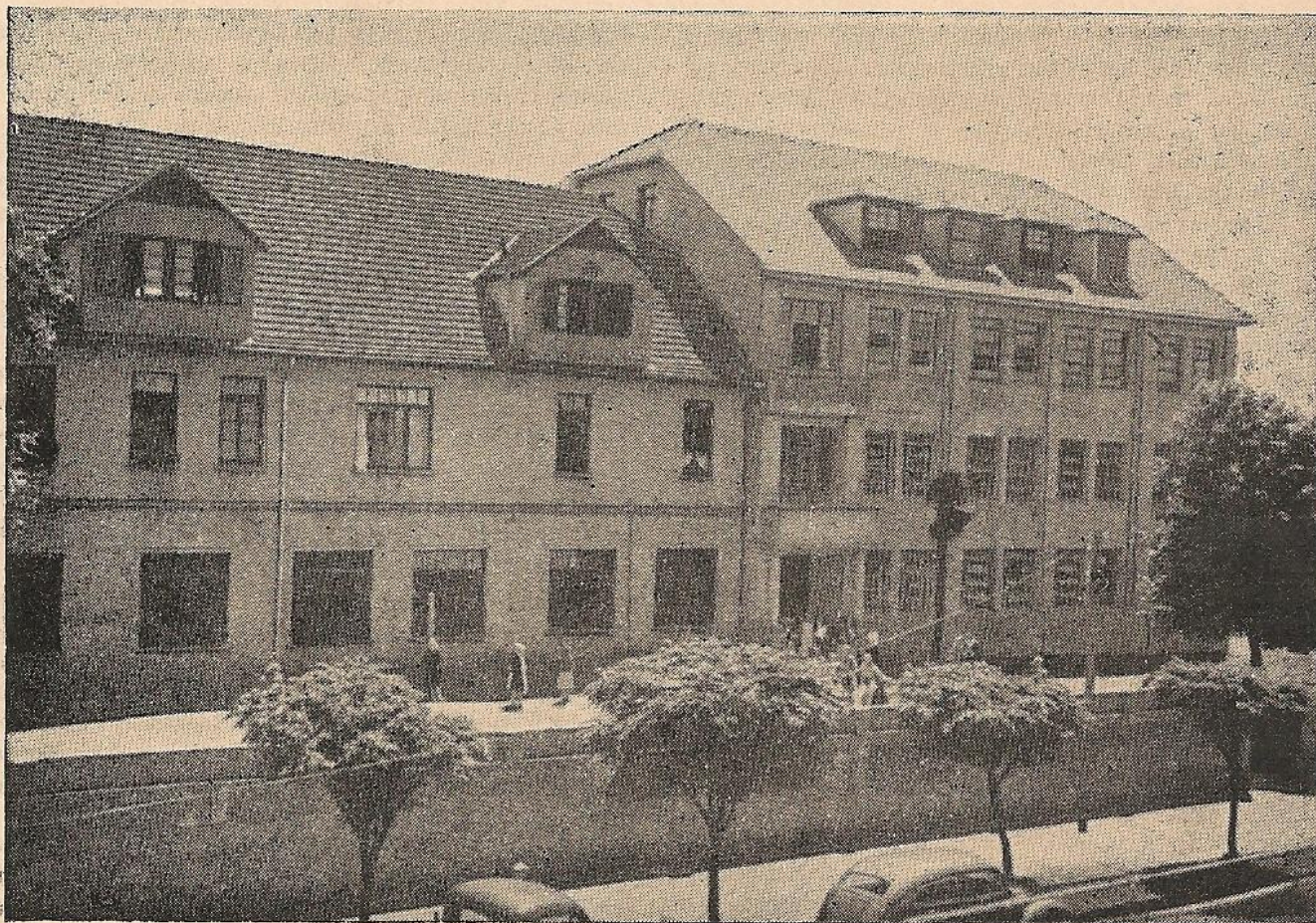
A nacionalização do ensino verificada no comêço do ano entrante, protelou a reabertura das aulas e, já então, se tornou impossível pelo fato da professora haver aceito idêntica função em Santa Cruz do Sul. No ano seguinte, 1940, porém, a professora Brunhilde Sellins reencetou suas atividades aqui, funcionando o Jardim de Infância em sala cedida pela Escola Sinodal, retornando somente em 1945 à Casa da Comunidade. Com o crescimento da matrícula tornou-se preciso contratar auxiliares afim de coadjuvar a professora em sua nobilitante missão. Em 1947 passou a direção à professora Alice Winkler, sendo esta substituída em 1950 pela professora Elfrieda Steinke.

O Jardim de Infância, hoje parte integrante do Ginásio, continua reunindo diariamente as crianças de três a seis anos, preparando-as para a vida em comum e aliviando as mães, muitas vezes sobrecarregadas pelos seus afazeres.



Alunos do Jardim de Infância posando para o fotógrafo.





Vista geral do Ginásio Evangélico Augusto Pestana, aparecendo à direita o novo prédio para o curso ginasial, cuja pedra fundamental foi lançada a 4 de novembro de 1948 e que será inaugurada a 9 de novembro de 1952. A esquerda o prédio construído em 1931 e que abriga as classes do curso primário.



# AUGUSTO PESTANA

Um nome que é um exemplo.

No momento em que se concluem, inaugurando-as, as obras do moderno prédio para o Ginásio Evangélico Augusto Pestana, é justo e é imperioso que se dediquem algumas linhas dêste opúsculo à pessoa e à obra de seu patrono.

'Nomen et omen' já dizia Plauto, reunindo nome e significado num só conceito. Um nome não deve ser escolhido a esmo, por uma questão de eufonia ou capricho, por exemplo. Quem dá um nome deve procurar uma correlação entre o mesmo e o novo portador.

Razões várias assistiram aos dirigentes da Escola Sinodal, quando, em 1946, escolheram para seu patrono o nome do saudoso fundador da colônia de Ijuí, que foi o engenheiro Augusto Pestana.

Uma foi a ligação que o estabelecimento teve nos primeiros anos de sua existência com o então diretor e depois intendente provisório de Ijuí. Recebeu a escola de Augusto Pestana sempre o mais decidido apôio e lhe deve ainda a doação dos três terrenos à rua Floriano Peixoto, esquina José Bonifácio, onde hoje se ergue, alteroso, o novo prédio do Ginásio. Não foi somente pelos benefícios que dele hauriu, mas sobretudo pelo exemplo que deixou como cidadão, digno de sobre ele se meditar e de o seguir. Diremos, pois, em rápidos traços biográficos, quem foi Augusto Pestana.

Nasceu Augusto Pestana no Rio de Janeiro a 22 de maio de 1868, como filho de Manoel José Pestana e de dona Januária de Abreu Pestana. Fez seu curso de humanidades no Externato do Imperial Colégio Pedro II.

Quando contava 15 anos, em 1883, ficou órfão de pai e, sendo o único filho homem, viu-se na contingência não só de auxiliar a família como de obter os meios para pagar seus próprios estudos. Dedicou-se, então, ao magistério, o que fez com assiduidade e esmero, lecionando durante cinco anos Geografia, História, Matemática, Francês e Por-

tuguês. Dava aulas particulares e no Liceu de São Cristóvão. Com o salário recebido dêsse trabalho pagava a sua taxa de matrícula na Escola Politécnica, hoje Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil. De 1885 a 1887, como sócio remido, foi ainda professor da Associação Protetora da Instrução, benemérita instituição mantida no Rio de Janeiro, sob a presidência do grande patriota Conselheiro de Estado, Senador Manoel Francisco Corrêa.

Aos 18 anos de idade, em 1886, recebia o título de engenheiro geógrafo juntamente com Alfredo Porchat, José Barbosa Gonçalves, Felipe Pinheiro Corrêa da Câmara, Ildefonso Borges Toledo da Fontoura, Antônio Leite Chermont, Antônio Simões Lopes e outros.

E com 19 anos concluía os cursos de Engenheiro Civil e Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. O diploma de Engenheiro Civil, conferido a Augusto Pestana pela então Escola Politécnica do Império do Brasil, traz as assinaturas dos Conselheiros de Estado, doutores Inácio da Cunha Galvão e Epifânio Cândido de Souza Pitanga.

Quando acadêmico representou juntamente com Eugênio de Barros Raja Gabaglia, Joaquim Egas Moniz Barreto de Aragão, Joaquim Catramby, José Antônio Saraiva Sobrinho, Luiz Márques de Albuquerque e outros a Escola Politécnica no célebre Congresso Acadêmico Brasileiro, reunido no Rio de Janeiro a 5 de julho de 1885 em homenagem à memória de Victor Hugo.

Durante os anos de 1886/1887, com Adolfo Barbalho Uchôa Cavalcanti, Francisco Sá, Alfredo Américo de Souza Rangel, Francisco Bhering e Alfredo Duarte Ribeiro constituíram a comissão de redação da "Revista Philotechnica", órgão do Instituto Philotechnico, composto de estudantes de engenharia.

Como se vê por esta ligeira resenha, Augusto Pestana nasceu e se criou na capital federal. Assim sendo, dificilmente terá co-



nhecido em sua juventude outro ambiente que não o da grande cidade. Se não foi criado com luxos e mimos, cresceu, no entanto, num lar amoroso, cercado do carinho de seus pais e irmãs. Forma-se, e o governo oferece ao jovem engenheiro um lugar na Comissão de Estudos e Construção da Estrada de Ferro Pôrto Alegre a Uruguaiana. Sair do aconchego de um lar para o ambiente rústico da campanha sul-riograndense, longe do grande mundo, e passar meses e meses em acampamentos sem um mínimo de conforto, exposto, talvez, às intempéries e passando privações, sem falar na falta de recursos médicos, tais eram as perspectivas que o convite governamental lhe abriam. Muitos teriam hesitado. Mas para Augusto Pestana não teve dúvida. Não desmereceria a confiança que o convite encerrava. E assim, a 8 de outubro de 1888 vemos chegá-lo a Uruguaiana, via Montevideo, como integrante da referida Comissão que se achava sob as chefias dos drs. Jorge Benedito Ottoni e José Ayroza Galvão. Dedicado às suas funções, fiel cumpridor de suas obrigações, permaneceu nesses serviços até 31 de dezembro de 1896, data em que o Governo Federal suspendeu os trabalhos da Estrada, por medida de economia, dispensando todos os funcionários.

Durante suas viagens ao longo do trajeto da ferrovia em construção, conheceu em Cachoeira a que seria sua futura esposa, dona Virgínia Fontoura Trindade, filha de Miguel Cândido de Trindade e de dona Josefina Leopoldina da Fontoura Trindade. Augusto Pestana, que fôra filho dedicado, tornou-se modelar chefe de família, esposo exemplar e pai amantíssimo. Dêsse feliz consórcio nasceram 10 filhos, dos quais 2 faleceram na primeira infância, sendo os demais criados e educados num lar feliz e todos úteis à Pátria, trabalhando com dedicação nas carreiras a que se destinaram: Cesar e Ciro, bacharéis em Direito, ambos com função de Juiz; Carlos e Clovis, engenheiros civis, e Celso, Capitão-Tenente da Marinha de Guerra, que veio a falecer num desastre na rodovia Rio—Petrópolis, quando o carro do Presidente Getúlio Vargas foi atingido por uma pedra que se desprendeu da montanha e vitimou seu ajudante-de-ordens, o Capitão-Tenente Celso Pestana.

Augusto Pestana já se tornára conhecido pela sua competência como técnico e sua capacidade de trabalho, de sorte que, com pequeno intervalo, recebeu duas nomeações honrosíssimas: a 3 de março de 1897 para chefe da Comissão de Estudos do rio Jacuí,

pelo presidente do Estado, dr. Júlio de Castilhos e, a 19 de abril do mesmo ano, pelo Ministro da Viação, Joaquim Murinho, para chefe do Tráfego e de Locomoção da Estrada de Ferro de Baturité, no Estado de Ceará.

Mas não haveria de permanecer afastado por muito tempo dos seus pagos, que já então lhe era o Rio Grande do Sul. No ano seguinte volta, nomeado em 17 de agosto de 1898, Inspetor Geral das Linhas Telegráficas do Rio Grande do Sul, pelo doutor Antônio Augusto Borges de Medeiros. E já lhe havia sido oferecido tentadora função na Capital da República quando o Presidente do Estado lhe faz veemente apêlo para assumir a direção da colônia de Ijuí, cujo estado desolador estava a exigir tôda a dedicação de um chefe de excepcionais qualidades para recolocá-la no caminho do progresso.

Augusto Pestana não teve dúvidas em se render ao apêlo que lhe era feito, trocando uma função cômoda por um posto de sacrifício. Revelara-se o homem público na mais lúdima expressão da palavra. Não era para auferir vantagens fáceis que desempenhava suas funções, mas para servir à coletividade, à Pátria. Nomeado a 6 de dezembro de 1898, assumiu com êstes propósitos a 1.º de janeiro de 1899 os cargos de chefe da Comissão de Terras da Colônia Ijuí e chefe da Comissão Discriminadora de Terras Devolutas e Verificadora de Posses nos municípios de Cruz Alta, Palmeira, Santo Ângelo e Passo Fundo. Foi o posto em que mais tempo permaneceu, quase 14 anos, e onde a sua atuação deixou, como compensação, os mais profundos e indeléveis marcos.

Para Augusto Pestana não havia trabalhos grandes e pequenos, importantes ou sem importância. Havia somente o cumprimento cabal de sua missão. E esta foi trazer para a civilização esta nesga do Rio Grande, cuja colonização havia sofrido tantos contratempos e se encontrava em grande penúria. Principiou por dar com a sua presença e o seu exemplo novo ânimo aos moradores. Tratou de acomodar os imigrantes que chegavam de tôdas as partes da Europa — alemães, poloneses, suecos, austríacos, letões, italianos, holandeses, húngaros, russos, sírios, espanhóis e portugueses — além de colonos riograndenses. Tratou de lhes facilitar os meios indispensáveis à subsistência, proporcionando-lhes algum ganho com trabalho nas estradas, cuidou de lhes dar sementes e trouxe reprodutores para incentivar a criação de gado bovino.





**Alunos do curso primário, reunidos na cabeceira do campo de esportes, construído no terreno adquirido em 1949. O primeiro telhado é do grande pavilhão, denominado área coberta. O telhado dos fundos é do prédio construído em 1931 e no qual funcionam as classes do curso primário.**



Mas não se limitou ao trabalho de gabinete. A maior parte de tempo encontrámo-lo a inspecionar os serviços de estradas, a prover a construção de pontes, a olhar pelas escolas. Acompanhou com interesse e estimulou o trabalho das igrejas e das sociedades como pontos de reunião dos colonos. Em 1900 inicia o povoamento da Linha 19, hoje vila Ajuricãba, e, um ano depois atravessa o rio Conceição, levando os colonos ao Cadeado, distrito que hoje tem o seu nome. É ele não somente o chefe da colonização, é também autoridade, orientador e patriarca. Cuida do bem-estar de todos, derime contendas, apazigua conflitos, estimula os morosos, acode aos necessitados. Politicamente pacifica o ambiente que ainda estava cheio de ressentimentos deixados pela revolução. Profundamente religioso, é respeitador das crenças alheias, e este mútuo respeito infunde na vida da população, dividida em várias denominações religiosas e falando várias línguas. Tais diferenças não eram, porém, motivos para conflitos nem para divergências, pois graças à orientação sábia de Augusto Pestana, o clima de mútuo respeito era tamanho que os visitantes da então colônia chegaram a cognominar Ijuí de "Suíça serrana". Não teriam passado 14 anos quando a colônia alcançou tamanho grau de prosperidade que podesse ser emancipada, constituindo-se em município. Depois de dirigir o município a partir de 31 de janeiro de 1912 como intendente provisório, daqui se afastaria a 2 de maio do mesmo ano com sua nomeação, em comissão, para engenheiro-chefe de distrito da Repartição Geral dos Telégrafos Federais.

Sua carreira continuou, por mais de vinte anos, dedicada ao serviço da Pátria. Em 1913 foi, a 12 de junho, nomeado Inspetor de 1.<sup>a</sup> Classe efetivo da Repartição Geral dos Telégrafos e, a 22 de setembro, Diretor da Estrada de Ferro Oeste de Minas, no Estado de Minas Gerais.

Foi deputado federal em três legislaturas, sendo eleito respectivamente a 30 de janeiro de 1915, na mesma data de 1918 e, posteriormente, a 28 de abril de 1928. Representou sempre o Rio Grande do Sul, integrando a bancada do Partido Republicano Rio Grandense, que teve na chefia estadual Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros e, no âmbito nacional o senador Pinheiro Machado. Foi eleito sempre pelo segundo distrito eleitoral. Como parlamentar fez

parte das comissões de Instrução Pública e de Finanças, sendo por vários anos o relator do orçamento do Ministério da Viação e Obras Públicas, e representou o Rio Gr. do Sul em vários congressos de caráter científico.

Sua atuação na vida política não poderia ser outra do que a revelada em tantos cargos de administração. Quando, nos debates da Câmara dos Deputados, em 1949, surgiu seu nome, a sua evocação foi feita com as manifestações de maior respeito e acatamento, destacando-o todos como exemplo pela sua probidade, retidão de atitudes e dedicação à causa política. Raros são fatos como este que, depois de vinte anos, um parlamentar ainda esteja vivo na memória da casa.

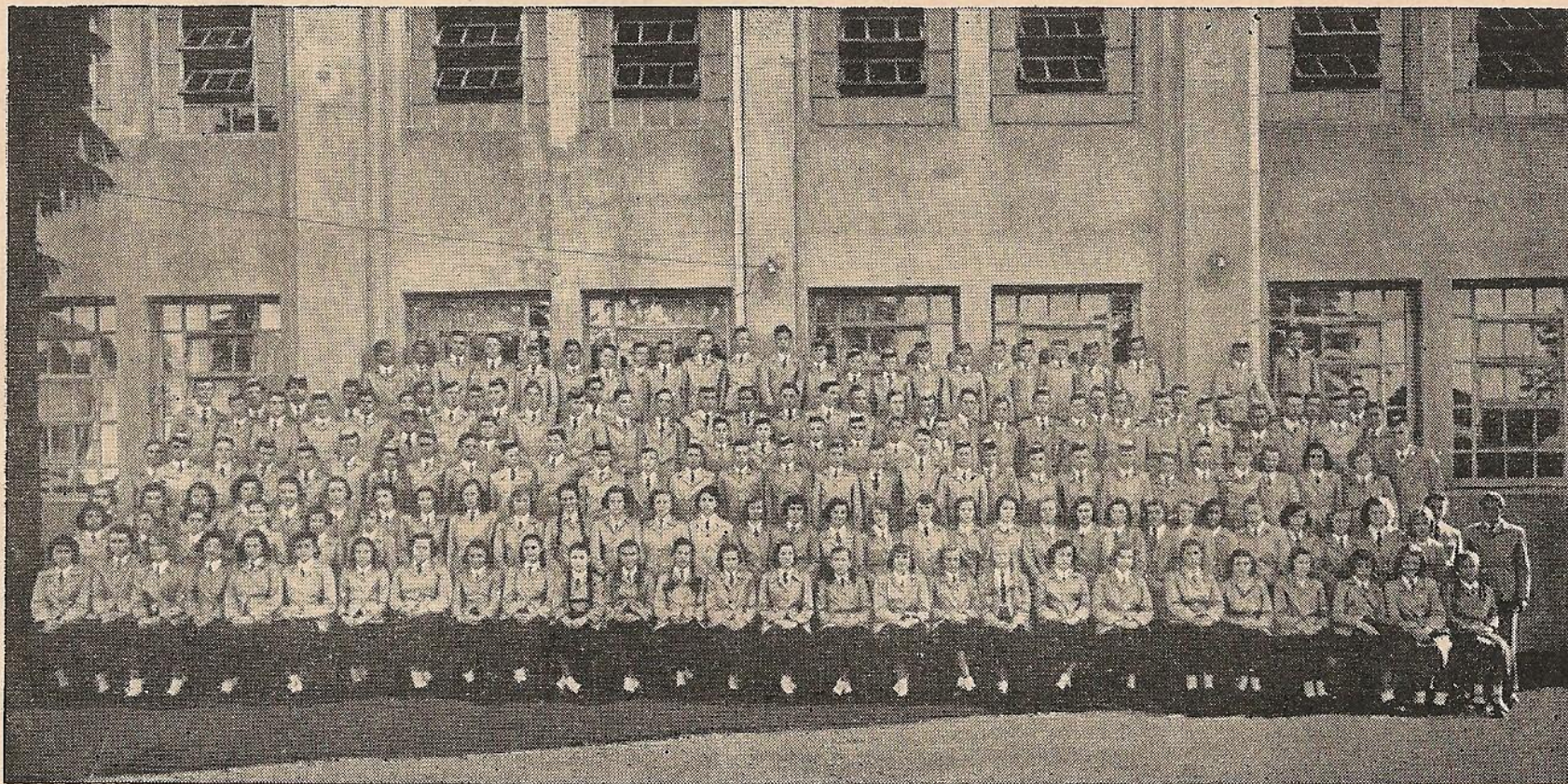
Sua vida parlamentar foi interrompida em 1920, quando, a 26 de julho, foi nomeado primeiro diretor da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, após sua encampação pelo Governo do Estado. Só um homem com as excepcionais qualidades de administrador, como era Augusto Pestana, poderia executar, cabalmente, a árdua e difícil tarefa de reorganizar os serviços de nossos transportes ferroviários que se encontravam no mais lastimável estado. É desnecessário acrescentar que Augusto Pestana foi o homem talhado para esta missão. Datam de sua administração os primeiros estudos para a construção de uma linha férrea direta entre Passo Fundo e a Capital do Estado. Não encontrou eco, então, para seus planos. Mas seu sonho, um dos maiores de sua vida, vem de ser concretizado agora, graças à iniciativa de seu filho, engenheiro Clovis Pestana, quando Ministro da Viação no Governo Presidente Dutra.

Em 15 de maio de 1924 foi nomeado representante da V. F. R. G. S. junto ao Governo Federal no Rio de Janeiro, de onde voltou a Porto Alegre para ser nomeado, em 26 de novembro de 1926, Secretário das Obras Públicas no Governo do dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros.

Seu último cargo público foi de diretor do Porto de Porto Alegre, para o qual foi nomeado pelo Interventor Federal, General José Antônio Flores da Cunha, e no qual se aposentou mais tarde, após ter servido ao Rio Grande e ao Brasil durante 44 anos com verdadeira dedicação e honrando a sua profissão de engenheiro, da qual tanto se orgulhava.

Homem probo, honesto e cumpridor de seus deveres, não acumulou fortuna, vindo





Alunos do curso ginásial agrupados em frente ao novo prédio que acaba de ser construído para o Ginásio, cuja matrícula atual é de 202 alunos.



a falecer na cidade do Rio de Janeiro a 29 de maio de 1934, após a morte da esposa e na mais completa pobreza. Dera, porém, aos filhos educação e estudos, deixando-os assim preparados para a vida, e lhes legou um nome que todos pronunciavam com respeito e que é um orgulho para a Pátria.

Para nós há de ser um exemplo sempre vivo quando, no turbilhão da vida, nos defrontarmos com uma encruzilhada e possamos ter dúvida, por um momento, sobre o caminho a seguir.

\* \* \*

As Estradas de Ferro Oeste de Minas e Viação Férrea do Rio Grande do Sul, homenagearam a memória de Augusto Pestana dando seu nome a importantes Estações nas suas linhas, o mesmo fizeram no Rio Grande do Sul os municípios de Ijuí, Pôrto Alegre, Cruz Alta, Santo Ângelo, Veranópolis, Guaporé, Nova Prata e Caxias do Sul, também dando o nome de Augusto Pestana a Escolas, Distritos, Estradas, Pontes, Ruas e Avenidas.

\* \* \*

Ouçamos, a propósito de sua pessoa, alguns conceitos. A ilustrada professora ijuiense, dona Odila Barros Xavier, em seu trabalho "Casa Dico — 60 anos de uma firma (1890—1950)" assim se expressa:

"Em todos os cargos que ocupou, foi o doutor Augusto Pestana o administrador honesto, sereno, inteligente e prático, amparado por sólida cultura técnica e visão nítida dos problemas relativos à economia riograndense e intimamente ligados a seu setor administrativo. Simplicidade de atitudes, dedicação desambiciosa nas funções exercidas, lealdade e afabilidade no trato pessoal, probidade e proficiência técnica e administrativa, otimismo sadio e contagiante nos empreendimentos, retidão de caráter — eis os traços dominantes da singular personalidade do engenheiro Augusto Pestana".

Vamos, ainda, ouvir três pioneiros da colonização de Ijuí.

Carlos Zimpel, aqui chegado em 1891 como imigrante, um dos primeiros colaboradores de Augusto Pestana, servindo à administração da colônia como capataz, disse o seguinte:

"Admirável era o dinamismo e a abnegação de nosso Diretor, pois não raras vezes empreendia inspeções, dez e doze quilômetros colônia adentro, a cavalo, muito antes do nascer do sol. Animava e confortava com palavras de louvor os ativos, mas punia severamente os faltosos. O bom exemplo que

o doutor Augusto Pestana dava como diretor, estimulava a todos os seus auxiliares. Onde se fazia necessária a construção de um templo ou de uma escola, o seu apóio era irrestrito".

Do antigo professor Henrique Siedenberg ouvimos o seguinte:

"Como professor da escola evangélica sempre pude contar com o apóio e o conselho dêste modelar diretor da colônia. Em qualquer circunstância, e a qualquer hora o doutor Augusto Pestana me atendia com sua habitual solicitude".

Finalmente Albino Brendler, filho dêste Estado, pois nasceu no município de Cachoeira, chegou à Colônia no ano da nomeação de Augusto Pestana para Diretor, em 1898. O hoje "velho Brendler", esteio da Comunidade Evangélica nos primeiros tempos de sua existência, foi membro obrigatório de suas diretorias. Os fatos de ser êle um dos poucos colonos conhecedores do vernáculo e de haver construído o prédio para a Comissão de Terras, que mais tarde serviria para a Intendência de Ijuí, concorreram muito para que merecesse a confiança e a amizade do diretor Augusto Pestana. Conta êle, entre emoção e entusiasmo, o seguinte:

"Achava-se a Colônia numa situação confusa e difícil, tanto que muitos imigrantes se propunham a deixá-la, para tentar sua sorte em outras plagas quando, com a vinda do doutor Augusto Pestana, tudo mudou. Graças à sua capacidade como administrador, sua vontade tenaz de fazer progredir a Colônia, seu espírito de compreensão para com as necessidades dos colonos, soube êle imprimir à vida da Colônia uma orientação segura e definida. É para mim inesquecível êste episódio daquela época tumultuosa, ainda cheia de paixões políticas remanescentes da revolução de 93. Debaixo de uma figueira, próxima ao atual povoado de Alto da União, reuniu os homens das diversas facções políticas, fazendeiros e colonos. Com palavras breves mas incisivas fez ver a todos a necessidade de união. E tais foram os seus argumentos que não lhe foi difícil conseguir o seu objetivo. E com êste espírito de mútua compreensão Ijuí pôde se tornar o que hoje é.

"Quando na construção de nossa igreja nos faltaram pedras próprias para os alicerces, o doutor Augusto Pestana não hesitou em nô-las doar. E a Comunidade, em sinal de reconhecimento, convidou o Dire-



tor para presidir o ato de lançamento da pedra fundamental, também por êle apresentada.

"Mais tarde, em 1912 — continua o "velho Brendler" — a casa paroquial, em que funcionava nossa escola, tornou-se acanhada para abrigar os 80 alunos que a frequentavam. Havia necessidade de outro local para acomodar a escola e, então, a Comunidade me incumbiu de procurar terrenos para futuramente construirmos a escola. Resolvi submeter o meu problema ao doutor Pestana. O Diretor da Colônia, já então Intendente provisório do novo muni-

cípio, sabedor da precária situação financeira da Comunidade, resolveu o caso da maneira mais simples. Tomando-me pelo braço e levando-me para o local onde hoje se ergue o Ginásio Evangélico Augusto Pestana, disse: 'Olha, Albino, tenho aqui ainda êstes três terrenos. Si servirem, deixo-os para a escola'. Nestes terrenos construimos, então, de madeira, o nosso primeiro prédio escolar".

Os relatos dêstes três pioneiros de Ijuí e da talentosa professora dona Odila Barros Xavier bastarão para retrair o perfil do patrono de nosso Ginásio.



## IMPRESSÕES

registradas por alguns visitantes ilustres:

Do Ministro CLOVIS PESTANA:

É com grande satisfação que deixo aqui registrada a impressão magnífica que tive nesta minha primeira visita a êste estabelecimento modelar. À sua benemérita direção apresento os meus mais entusiásticos cumprimentos pela obra admirável que estão realizando. A Pátria lhe será eternamente agradecida.

Ijuí — 4/11/1948.

Da professora NADYR BARROS, filha do Coronel Soares de Barros, grande benfeitor do estabelecimento:

Levo a melhor das impressões dêste Colégio e deixo meus sinceros votos de felicidades aos corpos docente e discente.

Ijuí — 25/3/1950.

Do dr. MARINO DE CARVALHO, ilustre Secretário de Educação e Cultura:

O Ginásio Evangélico Augusto Pestana, de Ijuí, é um lance benemérito em prol da cultura da nossa gente.

Louvo e felicito o admirável esforço dos seus idealizadores e dos responsáveis pela realização que ora se contempla.

Ijuí — 23 de abril de 1951.

Da educadora MARIA AMORIM, antiga e querida professora desta escola:

Foi com o máximo prazer, e mesmo comoção, que visitei esta escola, em cujo início colaborei como simples professora primária municipal.

Passados quarenta anos venho encontrá-la elevada a êste futuroso Ginásio "Augusto Pestana" e um estabelecimento que honra Ijuí e o espírito progressista de seu povo.

Como educadora entusiasta do Rio Grande e, sobretudo, como ijuien-se amiga desta terra, saio encantada com o que vi e observei.

Deixo aqui os meus votos de prosperidade e completo êxito, bem como meus parabens ao seu diretor e corpo docente.

Março de 1952.



## 1912 — 1952



Professora Maria Amorim

Fazem exatamente quarenta anos que me extreei, na nobre mas sacrificada missão de educadora, na então Escola Alemã de Ijuí, comêço feliz e promissor do Ginásio Evangélico "Augusto Pestana" em que hoje se transformou.

Recém-saida da meninice, possuindo apenas conhecimentos adquiridos em cursos primários e por esforço próprio, como autodidata que sempre fui, mas já impulsionada por irresistível vocação de ensinar, contratou-me o benemérito intendente e grande bemfeitor de Ijuí — o Coronel Dico — para ministrar rudimentos da Língua Portuguesa, História e Geografia do Brasil aos alunos dessa Escola, todos de origem alemã, afim de se cumprirem nossas leis que já proibiam colégios de língua estrangeira que não ensinassem o idioma do país.

Não me podia ter sido mais propício o ambiente de cultura que lá encontrei. O convívio com professores europeus, sob a direção de pastores luteranos, cultos e de adiantados conhecimentos pedagógicos, trazidos da Alemanha, exerceu sobre minha carreira de mestra uma duradoura e benéfica influência.

Basta lembrar que nessa Escola já apli-

cavamos métodos e processos de ensino ativo que só mais tarde viemos a adotar em nossas escolas públicas, como conquista da chamada Escola Nova.

Pela emulação de meus colegas estrangeiros, ouvindo e participando de suas palestras e discussões sobre os grandes e transcendentais problemas sociais e políticos da época, senti nascer, como uma imposição forte de minha vontade, o desejo de aperfeiçoar meus estudos, completando-os em cursos superiores.

Procurava superar-me ao transmitir aos meus alunos o conhecimento do Brasil, na sua língua, sua história, sua geografia. Não me empolgava a vaidade profissional, mas inspirava-me o desejo ardente de conquistar meus alunos, roubando-lhes um pouco da grande admiração que dedicavam à Pátria de seus pais e avós. Queria fazê-los conhecer melhor e amar mais entranhadamente a jovem Pátria brasileira, que tanto era minha como deles, como berço abençoado e dadivoso.

E assim se passaram cinco longos anos de luta constante para a jovem e modesta professorinha brasileira que fez de sua tarefa quotidiana de ensinar um comovente drama de aliciamento patriótico, de luta nacionalizadora, na ânsia de abrasilizar, de aperfeiçoar nos conhecimentos da Pátria essas almas em flor — rica e prometedora sara humana para os celeiros do Brasil.

Os acontecimentos internacionais da Grande Guerra de 1914 mais dificultavam essa missão.

Era preciso um equilíbrio de compreensão, discreção e respeito mútuo para mantermos entre os colegas alemães e os alunos descendentes germânicos uma perfeita atmosfera de harmonia e de camaradagem que, graças a Deus, sempre soubemos manter em nossas relações.

Ligavam-nos sincero afeto e verdadeira simpatia, bem comprovados por ocasião de minha despedida da Escola, em 1918, quando fui contratada pelo Estado para servir no Grupo Escolar.

Professores e alunos levaram-me uma carinhosa e espontânea manifestação de pesar pela minha transferência, deixando minha residência abarrotada de flores e de pequenos presentes.

Quarenta anos se passaram. Agitada e



trabalhosa tem sido minha carreira no magistério primário e secundário do Estado, mas nem a esponja do tempo e da ausência conseguiu apagar da minha memória a recordação boa e feliz dessa época de meus alunos e colegas do Colégio Alemão.

Acompanho com satisfação e mesmo com orgulho o desenvolvimento dessa Escola e a transformação de meus alunos pequeninos de ontem em cidadãos úteis e de projeção destacada no mundo das letras, do comércio e da indústria em que hoje servem a sua cidade e ao Brasil como bons e legítimos brasileiros que são.

Muitos outros alunos, de várias cidades riograndenses, passaram pelas minhas aulas de mestra primária ou secundária, ou sob minha direção, mas jamais esqueci os pequeninos ijuienses.

Passam frequentemente pela tela mágica de minha recordação as fisionomias vivas e inteligentes de meus alunos, cabecinhas louras como espigas dos trigaís. Vejo-os

ainda como os via então — aplicados nos estudos, disciplinados e obedientes nos recreios — os meninos Löw, os Glitz, os Scherer, os Geiss, os Hocevar, os Sabo, os Zenckner e tantos outros, hoje sustentáculos da vida comercial e industrial de sua progressista cidade e em quem, por certo, deixei uma parcela que seja do meu entusiasmo patriótico e uma semente bendita de brasilidade.

E agora que vejo transformada nesse moderno Ginásio a minha antiga e modesta Escola Alemã, é com verdadeiro entusiasmo que a saúdo daqui e lhe desejo um futuro de glórias para a honra da cidade serrana de Ijuí e felicidade de sua mocidade futura.

Ao Ginásio Evangélico "Augusto Pestana" os votos e parabens da antiga professora de 1912.

Pôrto Alegre, outubro de 1952.

MARIA AMORIM.

## De onde tirar água para a construção?

Corria o ano de 1930. A escola estava praticamente em ruínas. Há muito vinhamos batalhando pela construção de um prédio novo, mais amplo e executado de alvenaria. Muitos foram as dificuldades a vencer até que pudemos pensar em começar a obra. Neste momento sofremos um golpe fatal: a Prefeitura proibiu o uso da água encanada para as construções.

Que fazer? A construção tornou-se praticamente inexecutável. Toda a água teríamos de trazer em carroças e caminhões do ri da Ponte. Já o custo da água encanada representaria uma despesa que era motivo de preocupação, porque éramos obrigados a examinar cada tostão antes de gastá-lo. Mas isto nos teria acarretado uma despesa cujo montante nos parecia insuportável, além da demora que a obra iria sofrer.

Reunimo-nos, pois, em conselho de guerra. Deveria a diretoria da Sociedade Escolar ir incorporada ao Coronel Dico, que sempre nos tem manifestado suas simpatias, para pedir que nos desse o indispensável líquido? Não, isto seria um ato oficial. E, a bem dizer, êle não poderia fazer excepção. Pensando maduramente veio a idéia de destacar um elemento feminino. Isto não teria

caráter oficial e, talvez, haveria maior chance para conseguir o desejado junto a um cavalheiro da velha escola que era nosso Coronel Dico.

A escolha recaiu na srta. Amália Lange, nossa professora de português e dedicada colaboradora e em mim. Procuramos o sr. Prefeito em seu gabinete de trabalho, confiantes de que haveríamos de ser bem sucedidas. Depois de vencer todos os óbices, não poderíamos fracassar diante deste último.

Recebeu-nos com a cavalheiresca atenção que lhe era tão peculiar. Mas os modos altaneiros de sua personalidade inconfundível, sublinhada por uma atitude reservada, deram-nos desde logo a impressão de que nossa missão seria mais árdua do que pensáramos.

Minha companheira, dona Amália, se fez intérprete de nosso pedido. E quando terminou, tive a sensação de um calafrio ao ouvir a resposta que era uma redonda negativa. Para mim estava decidido que não poderíamos nos contentar com esta solução. E, então, se desenvolveu mais ou menos este diálogo:

— Mas como vamos construir si não temos água?



— Não sei; mas o que não posso, é dar a água.

— Mas não será possível fazer uma exceção, neste caso?

— Mandem buscar a água do rio, como os outros também fazem.

— Como? si nosso dinheiro não dá para tanto, e vai atrazar a obra.

— Esperem mais um ano ou dois, aí teremos água em abundância.

Eu (meio desesperada): Mas a escola está quase ruindo; há perigo de vida para as crianças!

Cel. Dico (com um assomo de sorriso divertido): Será mesmo tão grave?

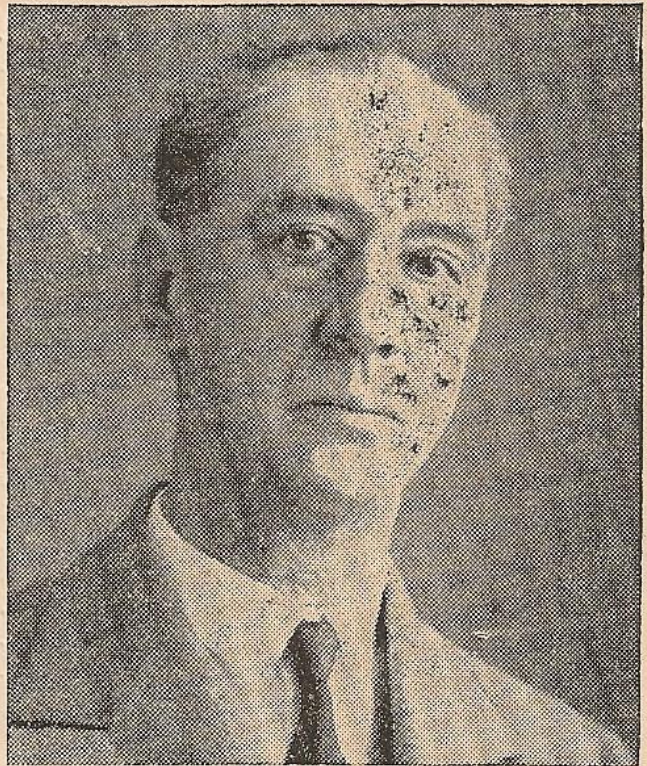
Eu (com arroubo): Como não!! As janelas estão caindo, a armação do telhado está podre. E o soalho está cedendo há tempos.

Cel. Dico (sério, arrematando): As senhoras compreendam. Não vou poder atender. Já tive de negar vários pedidos neste sentido. (E citou nomes, inclusive de uma sociedade).

Ele se levantou, eu permaneci sentada. E fiz uma última tentativa. "Senhor Coronel, assim não vamos embora. Não vimos em causa própria, pois, neste caso já nos teríamos retirado. Mas como vimos pedir por um fim que diz respeito ao bem público, não nos importamos de nos tornar importunas e nem mesmo de implorar".

Silêncio constrangedor. Fiz um ar decidido, e ainda não me havia levantado. Internamente me encontrava em estado deplorável. Sentia-me envergonhada e notei que dona Amália estava visivelmente embaraçada. Mas neste momento de nossa maior angústia, ocorreu o milagre. "Está bem. A escola terá a água, mas — e a sua voz assumia um tom ameaçador — não poderá passar pelo contador. Um hidrômetro não lhes posso dar de modo algum".

Ficamos tão estupefactas, que não pude-



**Coronel Antônio Soares de Barros**

Intendente Municipal de 1913 a 1925

Intendente e Prefeito de 1929 a 1938

**Durante sua longa e profícua administração mostrou-se um sincero amigo de nossa escola, auxiliando-a com a manutenção de uma professora às expensas do Governo Municipal.**

mos atinar de imediato o alcance desta dádiva. Recebemos a água, e iamos recebê-la — de graça!

Sim, tal era nosso Coronel Dico! Só ele mesmo poderia encontrar uma solução tão estupenda.

Pôrto Alegre — 1952.

MARGRET KUHLMANN

## O corpo docente em exercício, em 1952

### CURSO GINASIAL

1. Arno Sommer, Diretor . . . . . Português, Matemática e Alemão
2. Wilmar E. Keller, Secretário . . . . . História, Geografia, Português, Alemão e Educação Física
3. Pastor Rodolfo Schneider, Assistente eclesiástico — Latim, Alemão e Religião
4. Richard Steinke . . . . . Latim, Matemática, Ciências Naturais e Trabalhos Manuais
5. Erich A. Keske, Administrador do Internato Masculino — História, Geografia, Desenho e Canto Orfeônico



|                                       |                                       |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| 6. Armindo E. Porcher . . . . .       | História e Geografia                  |
| 7. Haydée M. F. Neves . . . . .       | Francês, Desenho e Economia Doméstica |
| 8. Günther S. Löw . . . . .           | Matemática e Ciências Naturais        |
| 9. Pastor Arnoldo Schneider . . . . . | Inglês                                |
| 10. Rev. Wilson Vilanova . . . . .    | Inglês                                |
| 11. Maria Laveuve . . . . .           | Francês                               |
| 12. Iracema O. Carvalho . . . . .     | Português                             |
| 13. Lorely S. Genz . . . . .          | Educação Física                       |
| 14. Gertrudes Jost . . . . .          | Trabalhos Manuais                     |

### CURSO PRIMÁRIO

|                                    |                                |
|------------------------------------|--------------------------------|
| 1. Edeltraud S. Gressler . . . . . | Regente do 1.º Ano             |
| 2. Eva I. Fensterseifer . . . . .  | Regente do 2.º Ano             |
| 3. Henrique Bartels . . . . .      | Regente do 3.º Ano A           |
| 4. Yolanda F. Kronberg . . . . .   | Regente do 3.º Ano B           |
| 5. Karla Olschowsky . . . . .      | Regente do 4.º Ano A           |
| 6. Lorely S. Genz . . . . .        | Regente do 4.º Ano B           |
| 7. Armindo E. Porcher . . . . .    | Regente do 5.º Ano A           |
| 8. Haydée M. F. Neves . . . . .    | Regente do 5.º Ano B           |
| 9. Erich A. Keske . . . . .        | Religião e Canto Orfeônico     |
| 10. Gertrudes Jost . . . . .       | Trabalhos Manuais e Caligrafia |

### JARDIM DA INFÂNCIA

|                               |          |
|-------------------------------|----------|
| 1. Elfrieda Steinke . . . . . | Regente  |
| 2. Nair Zimmermann . . . . .  | Auxiliar |

### ADMINISTRAÇÃO

|                              |                                  |
|------------------------------|----------------------------------|
| Heinrich Bockius . . . . .   | Tesoureiro                       |
| Erica Keske . . . . .        | Escriturária                     |
| Irmã Erika Schäfer . . . . . | Governante do Internato Feminino |

## QUADRO DA MATRÍCULA DA ESCOLA SINODAL,

depois Ginásio Evangélico Augusto Pestana,  
por cursos, relativo aos anos de 1940 a 1952:

### CURSOS

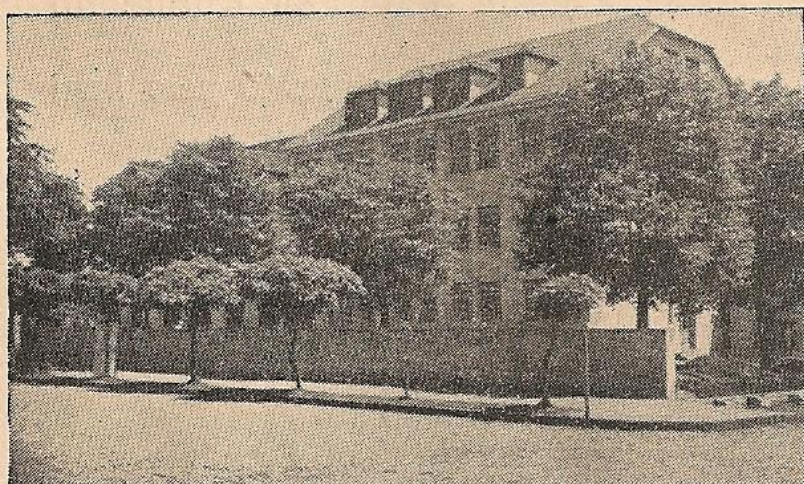
| Ano  | Ginasial | Primário | Jardim de Infância | Total |
|------|----------|----------|--------------------|-------|
| 1940 |          | 71       | 44                 | 115   |
| 1941 |          | 116      | 57                 | 173   |
| 1942 |          | 96       | 66                 | 152   |
| 1943 |          | 150      | 72                 | 222   |
| 1944 |          | 193      | 80                 | 273   |
| 1945 |          | 246      | 72                 | 318   |
| 1946 |          | 274      | 69                 | 343   |
| 1947 |          | 320      | 56                 | 376   |
| 1948 |          | 330      | 67                 | 397   |
| 1949 | 68       | 344      | 63                 | 467   |
| 1950 | 130      | 354      | 70                 | 554   |
| 1951 | 172      | 369      | 67                 | 608   |
| 1952 | 202      | 360      | 59                 | 621   |



## RELAÇÃO DOS PROFESSORES

que serviram no estabelecimento desde 1899:

|                         |                     |                              |           |
|-------------------------|---------------------|------------------------------|-----------|
| Max Traunig             | 1899/1900           | Esther Boger                 | 1943      |
| P. Germano Rosenfeld    | 1903/1912           | Ellinor Treter               | 1943/1944 |
| Henrique Siedenberg     | 1908/1914           | Edeltraut S. Gressler, desde | 1943      |
| Hulda Scherer           | 1912/1915           | Santa Domitila Batista       | 1944/1945 |
| Pastor Henn             | 1913                | Helga Feix                   | 1944      |
| Maria Amorim            | 1913/1918           | Haydée M. F. Neves, desde    | 1944      |
| Walter Mittag           | 1914/1918           | Roberto Mühlbach             | 1944/1945 |
| Willy Seifert           | 1916/1918           | Paul Gerhard Götz            | 1945/1946 |
| Hypólita Burtet         | 1918/1928           | Gisela Sellins               | 1945/1946 |
| Arthur Grundmann        | 1918/1926           | Armando E. Porcher, desde    | 1946      |
| Hedwig Hoese            | 1918/1922 1927/1938 | Ella Kopper                  | 1946/1950 |
| Betty G. Fuhrmeister    | 1922                | Henrique Bartels, desde      | 1947      |
| Anna Sokolowsky         | 1923/1928           | Eva I. Fensterseifer, desde  | 1947      |
| Hans Schröper           | 1927/1928           | Helmut Lampmann              | 1947/1948 |
| Auguste Seitz           | 1927/1928           | Alice Winkler                | 1946/1949 |
| August Brutscheidt      | 1928/1933           | Arno Sommer, desde           | 1948      |
| Amália Lange, depois    |                     | Pastor R. Schneider, desde   | 1948      |
| Amália Lange Löw        | 1928/1931 1938/1940 | Arno Glitz                   | 1949/1951 |
| Wilhelm Rees            | 1928                | Florêncio Berger             | 1949/1951 |
| Karl Sölter             | 1928/1934           | Friedrich A. Matz            | 1949      |
| Margret Kuhlmann        | 1930/1938           | Gertrudes Jost, desde        | 1949      |
| Lula Reis               | 1932/1933           | Lorely Sonja Genz, desde     | 1950      |
| Johannes Laaf           | 1932/1933           | Elfrieda Steinke, desde      | 1950      |
| Elsa Erdoes             | 1933/1935           | Isabel Becker                | 1950      |
| Irmgard Schmied         | 1933                | Richard Steinke, desde       | 1950      |
| Maria Laveuve           | 1933/1942 1952      | Erich A. Keske, desde        | 1950      |
| Hedwig Schäfer          | 1933                | Elzira Feix                  | 1950      |
| Karl Bretschneider      | 1934/1937           | Elvira E. Lueders            | 1950/1951 |
| Hermann Wegermann       | 1934/1937           | Erica S. Link                | 1951      |
| Inajá Domingos          | 1936                | Helga Droste                 | 1951/1952 |
| Karl Köbler             | 1937/1938           | Günther S. Löw, desde        | 1952      |
| Klara Bilstein          | 1937/1938           | Pastor A. Schneider, desde   | 1952      |
| Brunhilde Sellins       | 1938 1940/1946      | Pastor W. Vilanova, desde    | 1952      |
| Erica Braucks           | 1939 e 1942         | Iracema O. Carvalho, desde   | 1952      |
| Herbert Ullmann         | 1940/1942           | Karla Olschowsky, desde      | 1952      |
| Wilmar E. Keller, desde | 1942                | Nair Zimmermann, desde       | 1952      |



O novo prédio do Ginásio, visto por outro ângulo. As árvores dão ao prédio um aspecto pitoresco.



# Agradecimento

Ao encerrar os trabalhos dêste despretencioso opúsculo que se ocupa em largos traços da vida do Ginásio Evangélico Augusto Pestana e das pessoas que trabalharam pelo engrandecimento desta casa de ensino, devemos confessar que êstes apontamentos estão longe de serem completos. Tanto podem ter escapado ao nosso estudo nomes como fatos. Por isto pedimos às pessoas, que por ventura tenham sido esquecidas — que nos relevem esta falta e nos comuniquem tais fatos para que possamos apontá-los para retificação futura.

Queremos, também, em nome da direção do estabelecimento, agradecer a tôdas as pessoas que, de qualquer forma, cooperaram para a construção do novo prédio para o Ginásio, em particular a quantos subscreveram importâncias ou doaram materiais para a referida obra, ao Govêrno do Município, aos membros das diversas comissões, quer de angariação de fundos, de construção ou de festas, ao corpo docente e aos pais dos alunos pela colaboração sempre dada ao Ginásio.

Um agradecimento todo especial devemos ao ilustre filho de Ijuí, deputado Clovis Pestana, que não tem medido sacrifícios para atender por diversas vezes aos convites do nosso Ginásio e que, por duas vezes, conseguiu verbas federais para a construção do prédio que agora será inaugurado.

Queremos, ainda, em nosso nome, manifestar o nosso agradecimento à culta sra. Iris Zwanziger pelo trabalho paciente de coletar dados e fotografias para êste opúsculo, às pessoas que nos cederam êste material, bem como às antigas e queridas professoras Maria Amorim e Margret Kuhlmann por suas colaborações.

A todos o nosso mais sincero reconhecimento pelo bem que prestaram à juventude ijuiense.

Ijuí, novembro de 1952.

Pela Comunidade Evangélica e  
pelo Ginásio Evangélico Augusto Pestana

**ULRICH LÖW**

---



100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200